Despojos de Uma Tragédia

Friedrich Nietzsche

Tradutor Ferreira da Costa
Capa: Fernando Mateus
Editora Educação-Nacional, Ltda., 1944

Formatação: SusanaCap

A SUA MÃE E A SUA IRMÃ

Pforta, Setembro - 1863

Creio que esperavam estas linhas, já que me foi impossível ir hoje reunir-me convosco. Durante estes dias, nada me sucedeu, a despeito de esperar que viesse ao meu encontro, no decurso da semana passada, um dos mais curiosos e agradáveis acontecimentos. Mas os dias decorreram lentamente, e apenas me trouxeram uma carta pela qual vi que ambas continuam a recordar-se de mim e de que a minha roupa branca devia estar imunda, o que saiu singularmente acertado.

Portanto, seguem, agora, estas linhas, para que me saibam vivo, tendo à minha volta respeitável quantidade de livros, formando barreiras das quais não posso pensar em sair antes de sábado próximo. Sinto-me, por vezes, alegre, e outras de mau humor. Sucedem-me tantas coisas boas e prazenteiras como desagradáveis. Mas o relógio está em marcha, e não interrompe o seu tic-tac, quer pouse nele uma mosca, quer cante um rouxinol a seu lado.

Certo é que o Outono, com sua expressão de velhice, fez fugir os rouxinóis e provocou resfriamentos às moscas. Gosto muito do Outono, se bem que sinta o que transcorre mais pela recordação dos outros, e pelas minhas poesias, do que por experiência própria. Mas o ar tem transparências cristalinas. Da terra, a visão do céu torna-se de tal modo aguda que o Universo parece nu ante os nossos olhos.

Quando me deixam pensar no que desejo, procuro palavras para melodias íntimas, e melodias para palavras íntimas. Afinal, ao juntar as duas coisas, ambas minhas, vejo que não se harmonizam, a despeito de serem produtos da mesma alma.

Enfim, é este o meu destino!

Já começam a emigrar as andorinhas, desferindo seu voo para o sul. Cantamos em tom sentimental a sua partida, e erguemos os copos. Há alguns que limpam no nariz os sinais da emoção, ao recordarem o aviso do postilhão: - "Vais fazer trinta anos!"

É a isto que chamamos presentemente mudar de vida... Alguns dos que já obtiveram o seu título imaginam, agora, a existência, como um pastel do qual tragaram o pedaço mais pequeno e amargo. Cheios de energia, e com sólida preparação, dispõem-se a comer o maior e mais doce bocado. Mas a verdade é que só lhes resta um pedacito estragado e duro, que se chama experiência vital, e que nem aos cães poderemos oferecer. Isto, talvez por já ter custado a perda de alguns dentes.

Até aqui, o prólogo da minha carta cheio de verdade e de poesia. Agora, eis o principal, que consiste no seguinte:

1. - Recordo-me constantemente de ambas.

2. - Sinto a falta de lenços, pois nada mais faço do que espirrar. - Necessito imprescindivelmente do seguinte:

Schumann - Fantasias - dois cadernos.

Schumann - Cenas infantis - um idem.

Volkmann - Visegrad.

Rogo-te, Isabel, que me compres tudo isto e mo envies na terça-feira. Destina-se à senhora Anna Rebdel, a quem o prometi. Faze-me este favor!

Fritz.

O qual espera ver-vos, na quinta-feira, em Almrich.

Quinta-feira é o dia da partida dos nossos bacharéis.

Felicidades.

A SUA MÃE E A SUA IRMÃ

Bona, dias antes do Natal -1864

Queridas mamã e Isabel:

Desejo que o embrulho que vai junto só seja aberto na própria noite de Natal, para que ambas tenham uma surpresa, ou talvez um desencanto. Acreditai que vos ofereço o melhor que me é possível fazer, se bem que não seja muito, e que, ao empregar nesta pequena obra toda a minha aplicação, pensei em vós, desejando estar ao vosso lado no momento em que ela vos proporcionasse alguma alegria.

"Estes aprazíveis pensamentos tornam de tal modo leve o meu trabalho que nunca estou tão ocioso como quando a ele me dedico. "

Isto é dito por Shakespeare na Tempestade. A mim, sucede outro tanto. Trabalho ocioso e ociosidade cheia de trabalho.

O que melhor podia enviar-vos como presente de Natal deveria ser algo que, sendo genuinamente meu, pudesse repre- sentar-me na vossa festa familiar. Por tal razão, coloquei no frontispício da obrazinha a imagem do meu actual aspecto exterior. Assim, tomá-la-eis nas vossas mãos com maior prazer, e talvez com maior assiduidade.

Já deveis ter observado que falo dela com certa vaidade.

Mas, se não vos agradar, divulgarei que, afinal, não atingiu o seu objectivo. Se aí tiverdes uma árvore de Natal, a minha obrazinha fará mais solene aparição, sob o fulgor das luzes.

Nessa noite, pensarei intensamente em ambas, e ambas pensareis certamente em mim.

O meu quarto é muito cómodo; penso passar aqui agradavelmente a noite de Natal. Também nós teremos, na cervejaria, a nossa pequena árvore, e também trocaremos presentes. Mas isto não será mais do que imitação do costume doméstico, visto que lhe faltará o mais importante: o ambiente familiar.

Em Bona, apenas ficaram alguns estudantes. Voaram todos os que tinham asas. Deussen saiu ontem, de rumo à sua casa, carregado com livros e uma velha mala. Guilherme e Gustavo foram certamente para Naumburg. Tratem de convencê-los a passarem por Bona, na viagem de regresso, e de prevenirem-me, se resolverem fazê-lo. Podeis pedir a Gustavo que vos faça um pouco de música. Acederá com prazer.

Ainda vos lembrais de como passámos bem as noites de Natal anteriores, reunidos em Gorenzen? Não vos disse eu, nessa altura, que daí a um ano já não estaríamos juntos? Cumpriu-se o que previ. Lembro-me com

prazer de Gorenzen - a nossa casa e toda a povoação cobertas de neve, as cerimónias nocturnas, a plenitude das melodias que havia no meu cérebro, o tio óscar, a pele de almiscareiro, a boda, eu em roupão, o frio e muitas outras coisas divertidas ou sérias. Tudo isto se unia para formar um ambiente agradabilíssimo. Quando toco a minha Noite de S. Silvestre, ouço nas suas notas a expressão da nossa disposição de ânimo naquelas horas.

Também assim ouvireis, nas minhas últimas composições os estados de espírito porque tenho passado neste semestre.

Têm sido muito diferentes. Alegra-me que a minha alma tenha maior e mais frequente impulso lírico do que anteriormente. A fotografia apresenta-me no momento em que estava no trabalho da composição, e creio que, por este motivo, ficou melhor do que as anteriores. Realmente, naquele instante, pensava e sentia alguma coisa.

E, por hoje, adeus! Gozai a doce festa e pensai sempre em mim, sobretudo na noite que vamos celebrar. Fazei chegar aos seus destinos as cartas que incluo.

Cumprimentos a todos.

Adeus. Felicidades.

AO BARÃO DE GERSDORFF

Bona, 25 de Maio de 1865

Querido Amigo:

Primeiramente, quero confessar-te que desejava com veemência receber a primeira carta que me enviasses de Gottingen.

Essa carta tinha para mim, além do factor amistoso, um interesse de carácter psicológico, pois esperava que reflectisse a impressão causada no teu espírito pela vida da "Sociedade dos Estudantes.

E estava certo de que me darias a tua opinião sobre ela, com absoluta sinceridade.

Assim fizeste. Recebe, por isso, o meu agradecimento mais cordial. Se, conforme dizes, compartilhas, agora, da opinião de teu irmão, a respeito das sociedades de estudantes, só me resta admirar a força moral com que, para aprender a nadar na corrente da vida, te lançaste em água turva, quase pantanosa, e dentro dela fazes exercícios. Perdoa a dureza da imagem, mas creio que é acertada.

No entanto, há alguma coisa de verdadeira importância nesta questão. Aquele que, sendo estudante, queira conhecer a sua época e o seu povo, tem necessariamente de entrar numa das sociedades. Estas e as suas várias orientações, permitir-lhe-ão determinar, com a maior exactidão possível, o tipo de homem da sua geração. Acresce que as interrogações sobre a possibilidade de uma nova organização das relações académicas são suficientemente apaixonantes para levar o indivíduo a conhecer e a julgar do seu estado, por ele próprio.

Ora bem; ao tentar esta experiência pessoal, é preciso tomar a precaução de não ser influenciado pelo ambiente em que se entra. O hábito é uma força monstruosa. Perdemos muito, ao perder a indignação moral contra qualquer coisa nociva que suceda diariamente à nossa volta (por exemplo beber em excesso, a embriaguez), e também quanto ao desprezo, ao escárnio dos outros homens, e outras opiniões.

Reconheço que também sobre mim se acumularam, até certo ponto, experiências iguais à tua; que me desgostou frequentemente a forma de camaradagem das nossas reuniões nocturnas no café; que me era quase impossível suportar o convívio de certos indivíduos, dado o seu grosseiro materialismo, e que, para maior desgosto, escutava a inaudita insuficiência com que se emitiam juízos sobre homens e opiniões em "massa, . Apesar de tudo, foi com prazer que permaneci na sociedade.

Aprendia muitas coisas e não podia deixar de reconhecer, dentro dela, certa vida espiritual. De qualquer modo, constitui necessidade o contacto estreito com um ou dois amigos; desde que os tenhamos, podemos considerar os outros como uma espécie de condimento. Uns servem de sal e pimenta; os outros de açúcar; outros, de nada.

De novo te asseguro que as tuas lutas e as tuas inquietações apenas podem aumentar o meu carinho e a minha estima por d. Li, com vivo

prazer, as ideias que me comunicas, acerca da tua vocação. Creio que isso concorrerá para estreitar ainda mais a nossa amizade. Não tenho a mais ligeira opinião sobre o "jus". " Para o teu caso, sei que tens tendência para o estudo da língua e da literatura alemãs, e creio que dispões de aptidão para tanto, visto que possuis o mais importante, isto é, a vontade suficiente para estudar até dominar a matéria e todos os trabalhos de importância, escritos sobre ela, embora nem sempre sejam interessantes. Para esse estudo, recebemos, em Pforta, boa preparação geral e temos um excelente exemplo em Koberstein, que o nosso sábio professor Springer considera um dos mais categorizados historiadores da nossa época.

Em Leipzig, encontrarás Curtius, muito sabedor no estudo de idiomas comparados; Zarncke, cuja edição dos Nibelungos conheço e admiro; o vaidoso Minckwitz; Flathe, o esteta, e o economista Roscher, s a quem naturalmente irás escutar.

Conforme deves ter lido nos jornais, há grandes possibilidades de que, quando chegues ali, encontres o nosso grande Ritschl.

Todos eles tornam a Faculdade de Filologia de Leipzig a mais importante da Alemanha. E ainda te direi mais coisas agradáveis: quando me escreveste, a dizer da tua decisão de ir para Leipzig, tomei idêntica resolução. Desta forma, voltaremos a reunir-nos. Depois de tomada esta atitude, soube da partida de Ritschl, coisa que concorreu para tornar definitivo o meu projecto de ingressar o mais depressa possível no Seminário filológico daquela cidade e trabalhar com vontade. Além disto, poderemos ali gozar largamente de teatro e de música. Possivelmente, e apesar de tudo, continuarei a ser um camelo.

Aqui, em Bona, continua a haver a maior excitação, prosseguem as inimizades, por causa da polémica entre Jahn e Ritschl.

Estou inteiramente de acordo com Jahn, e sinto ter de o abandonar até 29 de Setembro. É um homem extraordinariamente amável. Entreguei, há tempos, a minha dissertação sobre o Cântico a Danae, de Simónides, e obtive um lugar no Seminário. Calcula que mais três alunos do Colégio de Pforta obtiveram igual posição, a despeito de as vagas serem apenas quatro. Foram eles: Hauspalter, Michael e Stedtefeld. Foi um grande triunfo para o velho Colégio. No dia da festa escolar, aqueles dirigiram um telegrama aos professores, e receberam uma resposta amigável. Suponho

que já sabes que Grafe, Bodenstein e Lauer ingressaram na Sociedade Francónia.

Durante este semestre, terei de fazer, primeiramente, um trabalho arqueológico para o Seminário, e depois outro, de maior importância, sobre os poetas políticos alemães, destinado ao serão cientifico da nossa sociedade. A preparação deste último proporcionar-me-á o conhecimento de muitas coisas, além de me obrigar a ler imenso e a reunir muitíssimo material. Antes de tudo, tenho de dedicar-me a um grande trabalho filológico, cujo tema ainda não escolhi, e que destino a tentar a entrada no Seminário de Lipzig.

Em segundo plano, ocuPa-me uma Vida de Beethoven, se- guindo a obra de Marx. E possível que recomece a compor música, o que, durante este ano, tenho evitado cuidadosamente. Também não faço versos. No Pentecostes, haverá em Colónia a festa musical renana. Deves vir. Nos programas figuram Israel no Egipto, de Haendel; O Fausto, de Schumann; As Estações, de Haydn, e muitas outras coisas. Eu serei um dos executantes. Depois, haverá a inauguração da Exposição Internacional. Para mais pormenores lê os jornais.

A terminar, dir-te-ei que me alegrou o facto de teres lido As Naturezas Problemáticas. É de lamentar que Spielhagen não apresente progressos, na sua última novela A de Hohenstein.

Nesta converte-se nitidamente em ódio a inimizade contra a nobreza, inimizade que demonstrou em As Naturezas Problemáticas. Estou enervado por causa da pena e do papel. As quatro últimas páginas foram escritas sem a menor comodidade; por- tanto, referir-te-ei, secamente, alguns assuntos mais.

Admirei vários capítulos de As Naturezas Problemáticas.

Têm realmente um vigor e uma plasticidade goethianas. Os primeiros são magistrais. Conheces também a continuação, ou seja, A Caminho da Luz, através da Noite? A parte mais fraca é o processo romântico da intervenção dos ciganos.

Leste O Manuscrito Perdido, de Freytag? Espero, durante este Verão, travar conhecimento com Spielhagen.

Felicidades, amigo, e recorda-te de mim com estima. Agrada-me pensar que em breve nos encontraremos. Desejo-te alegria e bom humor,

mas desejo, acima de tudo, que encontres um homem de quem possas aproximar-te. Perdoa esta insuportável caligrafia e o aborrecimento que te causa. Sabes como me desespera e como corta o fio das minhas ideias o não poder escrever comodamente.

A SUA IRMÃ

Bona, II de Junho de 1865

Querida Isabel:

Depois de uma carta tão amena e de tal modo impregnada de juvenil poesia feminina como aquela que recebi, seria ingratidão e injustiça demorar por mais tempo a resposta, especialmente hoje, que disponho de rico material para isso e que me é bastante agradável saborear no meu espírito as alegrias desfrutadas.

Creio poder admitir, em parte, o teu conceito de que o verdadeiro está sempre do lado mais difícil. Todavia, se é custoso compreender que 2x2 não sejam quatro, nem por ser difícil é mais verdadeiro.

Além disto, será de facto tão difícil aceitar em nós aquilo em que fomos educados, tudo quanto foi lançado, pouco a pouco, fundas raízes - aquilo que é considerado verdadeiro, no círculo familiar e no de muita gente boa, e que, de resto, reconforta e eleva os homens? Julgas tu que aceitar tudo isto é mais difícil do que empreender novos caminhos na luta contra o hábito, na insegurança do caminhar independente, com frequentes hesitações do espírito e até da consciência, desconsolado, por vezes, mas sempre buscando o verdadeiro, o belo e o bondoso?

O que se deseja será, porventura, encontrar a concepção do Universo, de Deus e da Redenção, mais cómoda para cada um de nós? E, para o verdadeiro investigador, não será o resultado da sua investigação algo diferente disto? Procuramos tranquilidade, paz e ventura? Não; procuramos apenas a verdade, mesmo que ela seja horrível e repelente.

Uma última pergunta: Se, desde a infância, houvéssemos acreditado que toda a saúde espiritual nos vinha de uma entidade diferente de Jesus - de Maomé, por exemplo - não seria certo que participaríamos das mesmas graças? Só a fé salva, e não o objectivo escondido por trás de uma crença. Escrevo isto para responder à comum objecção dos crentes, os quais se baseiam nas sua experiências anteriores, para demonstrar a infabilidade da sua fé. Toda a fé verdadeira é sempre infalível; dá o que o crente espera encontrar nela, mas não oferece o mais insignificante ponto de apoio para fundar uma verdade objectiva.

Neste ponto, dividem-se os caminhos dos homens. Queres paz espiritual e felicidade? Crê! Queres ser um apóstolo da verdade? Investiga! Entre estes dois extremos, há uma quantidade de pontos intermédios. Mas do que se trata é do objectivo capital.

Perdoa-me esta explicação aborrecedora e nem por isso rica de ideias. Tu deves ter dito isto mesmo, com frequência e melhor do que eu.

AO BARÃO DE GERSDORFF

Naumburg, 7 de Abril de 1866.

Querido Amigo:

Há horas de tranqüila contemplação, durante as quais nos sentimos situados num plano superior à nossa própria vida, envoltos numa mescla de dor e de alegria. Lembram-nos esses belos dias estivais que se estendem com serena amplitude sobre as colinas, e cuja descrição maravilhosa, feita por Emerson, indica ser neles que a Natureza atinge a sua perfeição. Esta contemplação liberta-nos do jugo da nossa vontade sempre vigilante, e converte-nos em espectadores puros e desinteressados. É neste estado de espírito - o mais desejável - que pego na pena para responder à tua carta, cheia de ideias e de amizade. Das nossas antigas preocupações, muitas já se desvaneceram, e delas apenas ficou um rasto minúsculo. Tornamos a ver como algumas palavras escritas, devidas talvez a um estado de ânimo ocasional, decidem a sorte de inúmeras pessoas. Deixe- mos, pois, que os

beatos cantem graças ao seu Deus, por tais gracejos. E possível que esta minha reflexão nos faça sorrir, quando nos encontrarmos em Leipzig.

Sob o ponto de vista do mais puro e estrito individualismo, reconciliei-me com a ideia do serviço militar. Nestes últimos tempos, tenho desejado com maior frequência ver-me livre dos meus monótonos trabalhos, e anseio pelo contraste da vida agitada, tormentosa, rica de exaltações. Quanto mais me dedico aos meus estudos habituais, mais vejo, com progressiva nitidez, que este género de trabalhos não tolera improvisos.

Durante esta férias, estudei muito - relativamente. O meu Theognis avançou consideravelmente e encontrei elementos apodíticos que esclarecerão e aumentarão o valor das minhas Quaestiones Theognideae. Estou emparedado entre livros que me foram proporcionados pela amabilidade pouco vulgar de Corssen. Devo igualmente agradecimentos a Volkmann, que muito me ajudou, principalmente nas questões relativas a Suidas, assunto de que é um dos maiores conhecedores. Familiarizei-me tanto com este terreno que até já nele construí por conta própria, encontrando, há pouco, a prova dos motivos pelos quais o Violarium de Eudoxia não tem Suidas como origem, mas retrocede à primitiva fonte de que este se serviu, um epítome de Hesichius Milesius (provavelmente perdido). O facto concede ao meu Theognis um resultado surpreendente, que te explicarei mais adiante. Além disto, espero por estes dias uma carta do Dr. Dilthey, de Berlim, discípulo de Ritschl, muito versado nos assunto sobre Theognis. Contei-lhe tudo francamente, sem ocultar-lhe os resultados obtidos, nem a marcha dos meus estudos. Espero que, após a minha chegada a Leipzig, poderei dedicar-me a redigir o meu trabalho, pois já reuni e quase ordenei o material necessário. Confesso, porém, que ainda não percebi porque lancei sobre os meus ombros esta faina que me afasta de mim próprio (e de Schopenhauer - o que é a mesma coisa), e cujo resultado me expõe às críticas das gentes, forçando-me, além disto, a afivelar em toda a parte a máscara de uma erudição que não possuo. Sempre perdemos qualquer coisa, ao darmo-nos ao público. Não deixei de sofrer alguns incómodos e atrasos. A Biblioteca de Berlim recusou-se a facilitar-me as edições de Theognis dos séculos XVI e XVII.

Por intermédio de Roscher, pedi à Biblioteca de Leipzig uma grande quantidade de obras que me eram muito necessárias, mas aquele escreveu-me sem demora, a dizer-me que a sua consciência não lhe consentia deixar

sair das suas mãos livros pedidos em seu nome. Escrúpulo que nem sequer me ocorre censurar, mas que me incomodou bastante.

Três coisas me distraem e me permitem repousar da minha tarefa, embora sejam singulares distracções: o meu Schopenhauer, música de Schumann e passeios solitários. Ontem, o céu anunciava uma tempestade esplêndida. Subi a uma montanha próxima, chamada "Leusch" (talvez tu possas explicar-me este nome), e encontrei, lá em cima, um homem que, ajudado por seu filho, se preparava para matar dois cabritinhos. A tormenta rebentou com tremenda violência de trovões, chuva, granizo, produzindo em mim uma exaltação incomparável e dando-me a conhecer que só chegamos a compreender justamente a Natureza quando nela nos refugiamos, evadidos dos nossos cuidados e das aflições. Naquele momento, que eram para mim o homem e a sua vontade inquieta? Que eram para mim o eterno Deves ou Não Deves? Quão diferentes os raios, a tempestade, o granizo, forças livres, sem ética de qualquer ordem! Quão felizes e poderosos - vontade pura, não perturba- da pela inteligência!

Em troca, tenho tido ensejo de observar como é turvo, frequentemente, o intelecto humano. Há pouco, falei com alguém que pensa partir, em breve, para a Índia, como missionário.

Fiz-lhe várias perguntas. Apurei que não conhecia o Oupnekhat nem sequer de nome e que estava decidido a não discutir com os brâmanes, porque estes possuem uma grande cultura filosófica. Oh, Ganges sagrado!

Hoje, assisti a um engenhoso sermão de Wenkel sobre o cristianismo – "fé que dominou o mundo" -, cheio de um insuportável orgulho ante os povos não cristãos, mas feito com grande habilidade. Wenkel substituía continuamente a palavra cristianismo por outra ou outras que sempre davam o justo sentido, se bem que para o nosso modo de ver. Se a frase o cristianismo dominou o mundo, se substitui por o sentido do pecado, uma necessidade metafísica, dominou o mundo, desaparece tudo quanto poderia encerrar de repulsivo para nós. Mas há que ser conseqüente, e, ao dizer os verdadeiros budistas são cristãos", dizer igualmente os verdadeiros cristãos são budistas". No fundo, este jogo de palavras e conceitos, firmados desde há muito e de uma vez para sempre, não é muito honesto, porque lança a perturbação no espírito dos fracos. É o cristianismo a fé num acontecimento histórico ou numa pessoa histórica? Então, nada tenho que ver com ele. É, porém, necessidade de redenção"? Dessa forma, já posso estimá-lo altamente, e até tomarei a mal os conceitos dos

filósofos, sendo estes, de resto, muito poucos em relação à massa dos necessitados de redenção, e feitos de igual matéria. Isto defendê-lo-ia eu, ainda que todos eles fossem discípulos de Schopenhauer.

Mas é frequente descobrir para além da máscara do filósofo, a majestosa vontade que busca a sua glorificação. Se os filósofos governassem, as massas estariam perdidas. Mas se estas massas governarem, a situação dos filósofos será raro ingurgite vasto.

Contudo, é para nós muito desagradável não podermos exprimir por completo os nossos pensamentos schopenhauerianos, ainda jovens e vigorosos, e descobrir, geralmente, esta desgraçada diferença entre prática e teoria, a pesar sobre o nosso coração.

Adeus, querido amigo. Cumprimentos aos teus. Lembranças da minha família. Ficamos combinados! Havemos de sorrir, quando voltarmos a ver-nos. E com razão!

A SUA MÃE E SUA IRMÃ

Leipzig, segunda metade de Junho de 1866.

Queridas mamã e Isabel:

Creio que tendes acompanhado pelos jornais a série de acontecimentos decisivos que a semana passada nos trouxe. É enorme o perigo que a Prússia atravessa. Mesmo que alcance a vitória completa, será impossível que fique em estado de concretizar totalmente o seu plano. Querer fundar a unidade alemã por esta maneira revolucionária é uma forte pretensão de Bismarck, que possui sem dúvida muito valor e perseverança, mas não tem na devida conta as forças morais do povo. No entanto, as últimas decisões são excelentes, sobretudo a de ter sabido lançar sobre a Áustria uma grande parte, se não a maior, das responsabilidades.

A nossa situação é muito simples. Quando arde uma casa, a primeira coisa que se faz não é perguntar quem tem a culpa do incêndio, mas tratar de extingui-lo. A Prússia está em chamas.

É preciso salvá-la! Tal é o sentimento geral.

No momento em que principiou a guerra, lançaram-se para o lado todas as considerações secundárias. Eu sou prussiano com tanto fervor como o nosso primo é saxónico. Para todos os saxónicos é particularmente difícil esta época. A sua pátria está completamente nas mãos do inimigo. O seu exército está parado, inactivo. O seu rei está longe. Outro rei e outro eleitor foram enjeitados. Esta é a novíssima definição do principado "pela graça de Deus". Compreende-se que o velho Gerlach, com alguns vstfalianos, proteste contra a aliança com a democracia coroada (Victor Manuel) e não coroada.

No fundo, este sistema prussiano de sacudir os príncipes é o mais cómodo do mundo. Felizmente, os de Hannover e Kurthessem não se uniram ã Príssia. Se o tivéssemos feito, não nos veríamos livres de tais senhores por toda a eternidade.

Vivemos, portanto, na prussiana cidade de Leipzig. Hoje foi declarado o estado de guerra em toda a Saxónia. Pouco a pouco, vamos ficando isolados, como numa ilha. As comunicações telegráficas, postais e ferroviárias sofrem constantes interrupções. Mantêm-se, como de costume, com Naumburg e com toda a Prússia, mas torna-se quase impossível conseguir que uma carta chegue às mãos de Deussen, que está em Tubingen.

Apesar de tudo, as aulas continuam. No meu regresso de Naumburg, encontrei uma carta de Ritschl, que me anunciava a chegada do grupo de estudantes romanos. O de Paris chegará no fim da semana.

Estou certo de que serei chamado, em breve, ao serviço militar. Acharei bem, porque será pouco honroso ficar em casa, quando a pátria empreende uma luta de vida ou de morte.

Já que esta carta ficou em cima da mesa, creio que vos agradará receber um suplemento. Estive doente, durante três dias.

Hoje, torno a sentir-me bem. O calor deve ter-me abalado. Mas tudo isto é indiferente; o importante é que os nossos soldados conseguiram a sua primeira grande vitória. Anteontem, à noite, o nosso governador militar tornou pública a notícia, içando, a seguir, na sua residência, uma enorme bandeira branca e negra. Entre o povo, as opiniões são muito diversas.

Há quem dê crédito às miseráveis mentiras austríacas, segundo as quais todos os combates últimos foram desastrosos para as nossas tropas e

teriam sido aprisionados mais de 15000 prussianos. Em Viena, falseiam e invertem o sentido de todas as comunicações, para levantar o moral da população.

AO BARÃO DE GERSDORFF

Leipzig, Julho de 1866

Querido Amigo:

Tinhas o direito de esperar uma resposta mais rápida à tua carta, mas a verdade é que estive fora durante uns dias e não me foi possível, até hoje, afirmar-te a minha alegria e o meu agradecimento por ela. Como decorrem rapidamente agora os acontecimentos!

Que tesouro de factos, de grandes e reconfortantes factos, existe entre a data da tua carta e o dia de hoje! Durante os dias de batalha da Boémia, estive em grandes cuidados pela sorte que nela pudessem ter os teu irmãos. Do mais velho já tenho notícias. Está ferido na cabeça, mas sem gravidade. Um ferido internado neste hospital falou-me da extraordinária bravura de teu irmão, e regozijo-me contigo, ante as provas do seu valor.

Os soldados não tinham podido acompanhá-lo na sua impetuosidade; marchou sempre na frente deles e, travando luta contra três inimigos, recebeu um golpe de sabre. Calculo como terão sido agitados para ti estes dias de incerteza. Mas devemos estar orgulhosos de possuir tal exército, e até — horribile dictuum — tal governo que não se limita a redigir um programa no papel, mas trata de mantê-lo, com a maior energia e com enorme dispêndio de dinheiro e de sangue, mesmo diante de Louis-le-Diable, grande tentador francês. No fundo, todo o partido que aprove esta política é liberal, e pensando deste modo eu não vejo na considerável massa conservadora da Câmara mais do que um novo aspecto do liberalismo. Não posso acreditar que estes homens sejam apenas gente que, ansiosa de governar, se une cegamente a todo o que ocupe o poder, e, havendo dito que só na Áustria estava o amparo dos interesses conservadores, aprove, seis meses mais tarde, os meios destinados a lançar a guerra contra esta potência. Não importa que se chame ainda

conservadora à nossa forma de governo. Para as pessoas de entendimento, isso não passa de um nome; para os prudentes, será um esconderijo, e para o nosso excelente soberano uma espécie de nibelúnguico capacete que, tapando-lhe os olhos, o deixe continuar no seu caminho liberal e prodigiosamente audacioso.

Chega, neste momento, quando o estrangeiro se imiscui perigosamente, o momento da prova definitiva, a prova do fogo para a honestidade do programa nacional. Agora, veremos quantos interesses dinásticos estão nele ocultos. Uma guerra com a França tem de fazer surgir unidade de sentimento na Alemanha, e, se os alemães chegam a pôr-se de acordo, pode Herr von Beust tratar de embalsamar-se, em companhia de todos os príncipes dos Estados centrais, porque o seu tempo terá findado.

Desde há cinquenta anos, nunca estivemos tão perto da realização das nossas esperanças alemãs. Começo, pouco a pouco, a compreender que, para conseguir isto, não existe outro caminho mais clemente do que uma guerra de aniquilamento. Ainda não está longe a época em que a opinião de Corssen - segundo o qual "só sobre as ruínas da Austria poderia edificar-se o futuro alemão, - era considerada espantosamente subversiva.

Ora bem, não se deita abaixo com facilidade um edifício tão antigo. Por arruinado que esteja, sempre haverá "bons e leais vizinhos" que o aguentem, visto que, se ele cair, algum dano poderão sofrer as suas próprias casas. Tudo isto, aplicado ao estado de coisas europeu, é a doutrina napoleónica do equilíbrio, um equilíbrio cujo centro tem de estar em Paris, segundo essa doutrina. É para esse centro que a oprimida Áustria se volta. E, enquanto Paris seja o centro, a Europa não modificará e persistirá na sua antiga marcha. Não será, pois, poupado ao nosso esforço nacional o desejo de transformar a situação europeia. Ou, pelo menos, de tentar essa transformação.

Se isto falhar, teremos, pelo menos, a honra de cair no campo de batalha, feridos por uma bala francesa.

Comunicar-te-ei, agora, algumas notícias de Deussen, o qual te envia saudações. De onde? De Tubingen. Que faz ele ali? É theologus, e por certo irrevogavelmente. Enviei-lhe uma carta com os argumentos mais fortes que descobri para Lhe contrariar a decisão. Mas parece que se trata de coisa de vontade, e, quando esta entra em jogo, as razões nada valem. Escreveu-me e desafia-me a que destrua estas três possibilidades:

"Pode haver um Deus; este Deus pode ter-se revelado; esta revelação pode estar contida na Bíblia., Oh, Santo Brama! É possível traçar um caminho de vida, apoiando-se nestas três possibilidades?

E ainda quer que lhas refute!

Adeus. Felicidades. Nunca me lembrei tanto de ti como agora, talvez porque estou um pouco só, a despeito dos numerosos conhecimentos. Nos próximos dias, quando fores chamado ao serviço, a tua sorte causar-me-á preocupações. A mim, não me querem para soldado. Avisa-me, quando chegar o dia da tua incorporação no exército.

Para terminar, o nosso lema comum:

"O mais belo, o mais justo, o mais agradável, é ter saúde, e o que maior alegria causa é ser amado por alguém. "

AO BARÃO DE GERSDORFF

Leipzig, fins de Janeiro de 1867.

Meu querido Amigo:

Também eu estava, nos primeiros dias de Janeiro, junto do leito de um agonizante, 22 uma próxima parente minha que, depois da minha mãe e minha irmã, era quem mais direito tinha ao meu carinho e respeito.

Ela seguira com interesse o caminho da minha vida e, com ela, desaparecia grande parte do meu passado; principalmente da minha infância. E, no entanto, ao receber a tua carta, meu pobre e querido amigo tão duramente magoado, a minha dor tornou-se maior. É tão grande a diferença entre ambas as mortes! Uma é o termo natural de uma longa vida cheia de boas acções; o fim de um corpo débil que atingiu a velhice. Todos nós tínhamos a sensação de que as forças corporais e espirituais estavam consumidas e de que a morte apenas se afigurava apressada ao nosso carinho. Que diferente é o que perdemos com o teu irmão, por mim sempre querido e admirado!

Afasta-se de nós uma daquelas raras e nobres naturezas romanas, da qual Roma se orgulharia nos seus bons tempos, e da qual, como irmão, tu tens maior direito ainda de sentir orgulho.

Quão raramente a nossa época miserável produz tais figuras heróicas! Mas tu sabes como pensavam os antigos: "Os eleitos dos deuses morrem cedo., O que poderia ter levado a cabo uma tal força! Para muitos poderia ter sido modelo de aspirações honrosas e independentes, exemplo de claro carácter decidido e alheio ao mundo e à sua opinião, consolo e fonte de vigor nos complicados atalhos da vida.

Bem sei que este vir bonus, no mais belo sentido, era, para ti, ainda mais: era o ideal a que aspiravas e, como me dizias frequentemente, a estrela que te guiava pelos intrincados e ingratos caminhos da vida.

Querido amigo meu; agora verificaste em ti próprio - e isto adivinho-o no tom da tua carta - a razão porque o nosso Schopenhauer achava o sofrimento e a aflição como um destino magnífico - senda para a negação da vontade. Tens experimentado a força purificadora e fortificante da dor, que apazigua o nosso espírito. Agora, podes verificar por ti mesmo o que há de verdade na doutrina de Schopenhauer. Se o quarto livro da sua obra principal te produz, neste momento, uma impressão de repulsa, turva e desagradável, se não tem a força de te levantar o ânimo e conduzir-te através da violenta dor exterior até àquela disposição espiritual melancólica, mas feliz, análoga à que se sente quando ouvimos uma música sublime (mercê da qual sentimos desprender-se de nós a envoltura terrestre) já não quero nada com tal filosofia. Só o homem cheio de dor tem o direito de pronunciar sobre ela a palavra decisiva. Os outros, os que estamos a meio da corrente objectiva e vital, e só ansiamos por chegar à negação da vontade, como um ilhote ditoso, não podemos julgar se tal filosofia é suficiente, em ocasiões de cruel provação.

É-me difícil mudar de tema, porque não sei se o relato dos meus assuntos particulares te será fastidioso, dado o estado do teu espírito. Porém, agradar-te-á saber que Einsiedel e eu, impulsionados pela nossa dor comum, nos reunimos agora com frequência. Ambos meditamos sobre a maneira de te conceder alguma pequena alegria e algum repouso. Tens em Einsiedel um grande amigo que compartilha dos teus sofrimentos.

Acabo de ler a tua bela carta, cheia do mais cordial carinho.

Nada desejamos mais ardentemente do que ver-te e poder falar contigo.

Isto corre bem. O trabalho é intenso, mas frutífero e, portanto, alegre. Cada vez aprecio mais um ininterrupto labor concentrado. Presentemente, aplico as minhas forças a um tema proposto pela Universidade daqui, a qual oferece um prémio a quem melhor o desenvolva: Defontibus Diogenes Iertius. E, trabalhando nele, tenho a agradável sensação de que não o adoptei com preferência a outros, levado pela atracção do dinheiro ou da honra que poderá proporcionar-me. Eu pensava abordar este assunto; e Ritschl, que o sabia, foi tão amável que o propôs, depois, como tema do concurso. Há, se bem me informaram, v os competidores, mas não me falta a confiança em mim próprio, pois que, até agora, tenho obtido, em trabalhos análogos, muito bons resultados. Em última análise: trata-se de enriquecer a Ciência, e, se houver quem tenha encontra do mais do que eu, não me hei-de afligir por isso. Nos princípios do ano, tive notícias de Deussen; voltou a dedicar-se à Filologia. Bravo! Segundo o que ele próprio escreve, volta a pisar terreno firme. Estuda em Bona, e parece que vai entrando, outra vez, no caminho. Enviou-me tradução de um livro francês: Biografa de Teodoro Parker, que lhe tem dado dinheiro.

Por último, querido amigo, rogo-te uma coisa: não te esforces por escrever. Brevemente, receberás uma carta minha, mais pormenorizada do que esta. Einsiedel encarrega-me de te dizer o mesmo.

Termino com uma sentença de Aristóteles:

O que é o homem? Sinal de debilidade, presa da oportunidade, filho do acaso - esfinge da instabilidade - portador da balança da inveja.

A FREDERICO RITSCHL

Naumburg, 25 de Outubro de 1867.

Mui respeitável Senhor Conselheiro Secreto:

Um rápido capricho do destino impede-me de aparecer em Leipzig em fins de Setembro, com o que fica também indefinidamente retardada a conclusão do meu curso.

O que eu nunca havia esperado, resolveu-se no decurso de alguns dias. Apesar da minha miopia, fui sacrificado ao deus da guerra, e, durante todo o dia, desde que rompe a manhã até à noite, tenho de trabalhar afincadamente nas cavalariças, no picadeiro, no quartel ou nos canhões. Verdadeiramente, é manjar estranho e novo para mim. Às vezes, atravessa-me na garganta, sobretudo quando recordo os festins a que estava acostumado, à mesa da Filologia. Pensando nela, lembro-me da pessoa a quem deverei toda a minha vida o mais caloroso agradecimento e o respeito mais cordial, e cujo exemplo me reterá sempre no caminho de que terei, agora, de me afastar, para seguir os suboficiais e os canhões.

A ERWIN ROHDE

Naumburg, 3-6 de Novembro de 1867

Meu querido Amigo Recebi ontem, de Leipzig, uma carta do nosso Guilherme Roscher, com notícias que, com tua licença, vão constituir o princípio desta carta. Antes de mais nada, a alegre novidade de que o pai Ritschl conserva a saúde e o bom humor, o que me admira, porque a conduta dos berlinenses para com ele deve tê-lo ferido. A nossa sociedade de Leipzig, que está a tomar, também, um carácter recreativo, parece ter ante si um bonito futuro. O Círculo de Leitura conta, até agora, membros.

Roscher tenciona converter o café de Laspel numa espécie de Bolsa de filólogos.

Compraram já um armário para guardar jornais e revistas.

Não se fizeram ainda reuniões; pelo menos, Guilherme nada me diz sobre este ponto. Além disso, vários membros ainda não chegaram a Leipzig. Entre eles, figura Koch, a quem, desgraçadamente, uma grave enfermidade impossibilita, e o excelente Kohl. Este - coisa estranha! - quer permanecer algumas semanas no campo, em casa de um amigo com quem combinou algo para a perigosa cena do exame.

Por último, não ocultarei que a carta de Roscher me traz a agradável notícia de que o meu trabalho sobre Laertius saiu vitorioso, na aula do dia 31 de Outubro, em luta contra o senhor Ninguém. Conto isto só para te dizer quanto agradeço a tua amistosa ajuda, que muito contribuiu para lançar o mencionado opusculum. Provavelmente, muito tempo passará sem que dê publicidade a qualquer destes trabalhos; desisti dos meus planos anteriores, e só conservei o de tratar, com maior conexão, estas questões, de acordo com o amigo Volkmann. Mas, como estamos ambos ocupados com outras coisas, podem ainda, por algum tempo, alegrar-se da sua existência, as lindas fábulas da cultura de Laertius e Suidas. A única pessoa que, um pouco antes, será informada do verdadeiro estado destas coisas é Kurt Wachsmuth, que deseja ouvir-me falar delas, e a quem satisfarei. Conheci-o na reunião dos filólogos de Halle. Tem realmente aspecto de triásico, e sobretudo uma fealdade de bandido, mas ostenta-a com altivez e orgulho.

Aqueles dias em Halle constituem para mim, até hoje, o diverádo final, digamos a coda da minha estreia zoológica.

Os professores apresentaram aspecto melhor do que eu esperava. Pode ser que as velha aranhas tenham ficado nos seus ninhos; o caso é que os trajos eram bastante correctos e à moda, e viam-se muitos bigodes. O ancião Bernhardy presidiu o pior que pôde, e Bergk aborreceu-nos com uma conferência de três horas. A parte do programa organizado saiu melhor, por exemplo, o banquete (durante o qual roubaram um relógio de ouro a Steinhart: calcula por este facto a animação que reinaria), e uma reunião nocturna.

Todos os dias, ou melhor, a todas as horas, esperávamos a chegada do pai Ritschl, que fora anunciada; mas, por desgraça, o mau tempo não permitiu que viesse. Desejávamos ardentemente a sua presença, sobretudo eu, que lhe estou agradecido por todos os motivos. Por seu intermédio, possuo agora o Museu Renano completo, sem que nada tenha feito para merecê-lo, pois o índice 26 que pensei levar a cabo será adiado por algum tempo. As duas semanas que se seguiram à nossa viagem não as esbanjei neste trabalho de encomenda, mas planeei da maneira mais diveráda a minha Democritea, escrita honerem Ritscheli. Assim, pelo menos, já tenho feito o esboço principal, se bem que, para basear as minhas loucuras e combiná-las com certa conexão, seja preciso ainda trabalhar muito. Muito, sobretudo para um homem imensamente ocupado com outras coisas.

E tu perguntarás: se não fuma, nem joga, nem fabrica índices, nem trabalha na sua Democritea, e despreza Laertius e Suidas, então que faz?

O exercício!

Sim, querido amigo; se um génio te guiar até Naumburg, à hora matinal, isto é, entre as 5 e as 6, e tiver a amável ideia de dirigir os teus passos para mim, não te admires do que oferecerá aos teus sentidos. Respirarás, de súbito, a atmosfera de um estábulo. À luz das lanternas, descobrirás várias figuras, ouvirás relinchar, resfolegar, escovar, e bater, à tua volta. E, no meio de tudo isto, vestida de moço de estrebaria, afanosamente ocupada em mudar com as mãos algo de inexprimível, e que nem se pode ver, ou limpando o cavalo com uma almofada, verás uma figura humana, ante cujo rosto se te porão os cabelos em pé, pois é - com mil diabos! - a minha própria.

Um par de horas depois, verias, dando voltas no picadeiro, dois cavalos com os respectivos cavaleiros, um dos quais se parece muito com este teu amigo. Cavalga o seu fogoso e impulsivo corcel, e espera aprender a montar bem alguma vez, se bem que só monte, por agora, em pêlo, com polainas e esporas, mas sem chicote. Talvez assim aprenda melhor. Também teve de apressar-se a esquecer quanto ouviu no picadeiro de Leipzig, e, primeiro do que tudo, esforçar-se por adquirir uma posição segura e regulamentar.

A outras horas do dia, está o teu amigo laborioso e atento junto da peça e tirando granadas do armão, limpando-lhe a alma e apontando-a por graus, varas, etc. Mas, primeiro, tem de estudar muitas coisas militares.

Asseguro-te que a minha filosofia tem, presentemente, oportunidade de se me tornar de utilidade prática. Até agora, não me senti humilhado nem um momento, antes sorrio muitas vezes, como perante algo fabuloso. Quando, sem interromper a corrida, sinto que vou escorregar para a barriga do cavalo, grito:

Schopenhauer, acode-me! E, quando chego a casa, esgotado e coberto de suor, tranquilizo-me com o olhar que lanço ao seu retrato que tenho sobre a minha mesa, ou abrindo o Parerga, que me é mais simpático do que nunca.

Finalmente, chegámos ao ponto em que posso exprimir aquilo que esperavas constituísse o princípio da minha carta. Já sabes, querido amigo,

a razão porque demorei tanto. Não tenho tido tempo algum. E, às vezes, nem disposição. Não se escrevem cartas a amigos a quem se quer - como eu a ti - em qualquer estado espiritual. Muito menos se escreve aos poucos, hoje uma linha, amanhã outra, antes se necessita um espaço de tempo suficiente e uma disposição de ânimo propício. Hoje, tenho a tarde livre, pelo menos até às seis e meia, hora a que a distribuição da ração e da água me reclama nas cavalariças. E celebro o domingo à minha maneira, recordando o meu distante amigo e o nosso comum passado em Leipzig, no Bhmrwald e no Nirvana.

O destino desprendeu, com um rápido esticão, a folha do calendário da minha vida correspondente a Leipzig, e a folha seguinte desse livro sibilino está coberta, de alto a baixo, por negro borrão. Então, vivia numa mais livre independência, no gozo epicurista de ciências e artes, dentro de um círculo de pessoas de iguais aspirações, em contacto com um querido mestre e - o que mais estimo daqueles dias de Leipzig - em trato constante com um amigo que não estava ligado a mim unicamente por ser camarada de estudos ou fazer vida análoga, mas porque a sua razão possui o mesmo grau de maturidade que a minha, e a sua apreciação dos homens e das coisas seguia aproximadamente as mesmas leis, e finalmente porque o seu carácter produzia em mim um efeito salutar. Não há nada de que eu sinta mais falta, presentemente, do que do teu convívio, e até me atrevo a crer que, se tivéssemos sido condenados juntos a sofrer este jugo, suportaríamos a carga mais alegre e dignamente, enquanto que, assim, só me resta o consolo da recordação. Nos primeiros dias, quase me admirava de não te encontrar a meu lado, compartilhando o meu destino, e ainda quando, estando a cavalo, volto a cabeça, julgo ver-te no soldado que me segue.

Estou bastante isolado em Naumburg; não há nem um filólogo admirador de Schopenhauer no círculo dos meus conhecimentos, e só raras vezes me reúno com eles, porque o serviço quase não me deixa tempo livre. Tenho, portanto, a necessidade de cismar no passado, e sazonar, desta forma, o presente, para torná-lo digerível. Esta manhã, ao dirigir-me, ao quartel, antes do amanhecer, pelo meio da escuridão fria e húmida, com o impermeável puxado até aos olhos, ouvindo uivar o vento entre as negras sombras das casas, ia cantarolando uma das nossas alegres canções e recordando a nossa louca festa de despedida, o saltarelo Kleinpaul - cuja actual existência em Naumburg e Leipzig desconheço, mas que nem por isso será equívoca - a cara dionisíaca de Koch e o monumento

comemorativo que erguemos na margem daquele rio de Leipzig, por nós baptizado "Nirvana" e que, da minha parte, leva as festivas palavras recentemente vitoriosas: "Sei quem és. "

Como final, dirijo-te as mesmas palavras, que devem representar o melhor que encerra para ti o meu coração. Quem sabe quando a sorte inconstante reunirá, de novo, os nossos caminhos. Oxalá isso aconteça em breve; chegue quando chegar, eu sempre recordarei, com orgulho e alegria, o tempo em que ganhei um tal amigo.

A ERWIN ROHDE

Naumburg, 13 de Fevereiro de 1868.

Meu querido Amigo:

É sábado e o dia está a terminar. Para um soldado, a palavra "sábado, encerra um sentimento de paz e de repouso que não conheci quando estudante. Poder dormir e sonhar tranquilamente, sem que sobre a alma pese o pavoroso anúncio da fatigante agitação que há-de começar apenas desponte a manhã, e sabendo que se chegou ao fim de outra semana daquela actividade sempre igual e uniformizada que se chama serviço militar, são duas coisas que proporcionam um prazer forte e simples, digno de um cínico e alcançado sem grande trabalho. Compreendo, agora, que da primeira e grande "disposição espiritual de sábado à tarde, em que soaram, pela primeira vez, as agradáveis palavras: "Tudo é muito formoso", foram inventados o café e o cachimbo, e entrou na vida o primeiro optimista.

Os hebreus, que acharam e acreditaram nesta bela história, foram, certamente, guerreiros ou trabalhadores, e não estudantes.

Estes adoptaram seis dias festivos e um de trabalho e, na prática, igualaram o último aos primeiros. Pelo menos, estava assim acostumado, e agora sinto energicamente o contraste entre a vida actual e a anterior ociosidade científica. Se se pudesse reunir todos os filólogos dos últimos dez anos e fazê-los produzir um trabalho, na sua ciência, igual ao que é costume exigir no serviço militar, ao fim de outros dez anos, a Filologia

seria desnecessária, porque tudo ficaria feito. Claro que isto é impossível, visto que ninguém quereria servir sob tal bandeira.

Um sábado assim faz tagarelar, como já terás notado. Porém, durante toda a semana, tive de me conservar silencioso, e atender, com todas as minhas potências espirituais, às vozes de comando. E agora, nos momentos livres, brotam as palavras dos lábios e as linhas do tinteiro. Além disso, o fogo crepita na chaminé, e lá fora ruge a tempestade de Fevereiro, prenhe já da Primavera. Sábado, temporal e um quarto abrigado, eis os componentes do "humor epistolar, .

Querido amigo: Esta minha vida presente é verdadeiramente solitária e falha de alegria. Só gozo daquelas exaltações que é possível tirar de mim mesmo, sem causa alguma exterior que possa provocá-las, e muito menos é possível encontrar aqui a harmonia de almas que tão boas horas nos fez passar em Leipzig. Deste modo, a alma vai-se esquecendo de si mesma, e deixando-se dominar por qualquer coisa que intimida o nosso espírito e o faz considerar as coisas com uma gravidade que não merecem. Tal é, e tu o terás adivinhado, a parte má da minha existência actual. Mas não deixa de haver uma parte boa. Na realidade, esta vida, ainda que incómoda, é absolutamente necessária, como passagem transitória, pois constitui contínuo apelo à energia do indivíduo e serve, sobretudo, de antídoto contra o cepticismo paralisador, cujos efeitos observámos juntos. Aprende-se, além disso, a conhecer a própria personalidade, na sua maneira de manifestar-se entre homens estranhos a ela, rudes na sua maioria, e sem que se sinta apoiada pela ciência ou pelo valor tradicional que lhe dão os nossos amigos ou a sociedade que frequentamos. Até agora, tenho observado que todos aqui me querem bem, e que, tanto o capitão como os artilheiros, se interessam vivamente por mim. Eu cumpro o meu dever com todo o entusiasmo. Não é razão de orgulho passar-se pelo melhor cavaleiro entre trinta recrutas? Isto é alguma coisa mais, querido amigo, do que um prémio de Filologia, apesar de eu não ser insensível a elogios como os que me tem prodigalizado a Faculdade de Leipzig. Posso, sem adquirir fama de louco e vaidoso, copiar o elogio que me fazem.

Querido amigo: Tant de bruit pour une omelette, não é verdade? Mas nós somos assim; escarnecemos dos elogios, sabendo o que está por detrás deles; mas a nossa cara contrai-se num sorriso de satisfação. Nestas coisa, é o nosso velho Ritschl quem, com his laudibus splendidissimus, procura ligar-nos aos encantos de dona Filologia.

Tenho grandes desejos de dizer aos filólogos, na minha composição sobre Demócrito - trabalho in honorem Ritscheli - algumas verdades amargas. Até agora, acaricio a bela esperança de que o meu escrito tenha um fundo filosófico, coisa que não consegui em nenhum dos anteriores. À parte isso, todos os meus trabalhos mostram, sem um propósito, mas antes para minha satisfação, uma orientação absolutamente determinada. Dirigem-se todos, como uma fila de postes telegráficos, para um fim definido, que penso concretizar rapidamente.

O objectivo do meu trabalho é a história dos estudos literários, na antiguidade e na época moderna. Os pormenores não me interessam muito, por agora; o que me atrai é a generalidade humana; como se foi constituindo a necessidade de uma investigação histórico-literária, e como esta foi tomando forma, nas mãos dos filósofos. Creio que todas as ideias que iluminaram o campo da história literária foram herdadas daqueles raros génios que vivem no pensamento dos homens cultos, e que todos os resultados obtidos nesse campo são devidos, unicamente, à aplicação prática de tais ideias. Os que criaram alguma coisa na investigação literária foram precisamente aqueles que não se lhe dedicaram, como trabalho principal ou absoluto, ou, pelo contrário, as obras mais famosas desta disciplina foram escritas por homens desprovidos de força criadora. Estas opiniões pessimistas, que escondem em si um novo culto do génio, ocupam-me continuamente, e quero verificá-las. Em mim mesmo, a prova é positiva. Já nas linhas anteriores deves ter notado o cheiro de um cozinhado schopenhaueriano.

Descer destas ilusões à realidade é muito amargo. Pensa que saboreio estes sonhos continuamente, não tendo tempo para terminar o mais urgente. É-me impossível entregar rapidamente o que prometi para o livro de Ritschl. Para desenvolver uma matéria tanto do meu gosto, faltam-me cem coisas: tempo, livros, bons amigos e momentos de inspiração. "Felizes seres! - dizia Ritschl aos estudantes. - Possuís catorze horas do dia para vós e para os vossos estudos. Mísero ser! - digo a mim próprio - Não possuis mais do que duas horas livres e tens de sacrificá-las a Marte; de contrário, negar-te-ão o título de oficial! Que infeliz animal é um artilheiro com tendências literárias! O nosso antigo deus da guerra gostava de mulheres jovens e não de mulheres velhas e enrugadas. Um artilheiro, acocorado sobre um banco do quartel e meditando sobre Demócrito, enquanto lhe engraxam as botas, é paradoxo que os deuses olham com escárnio.

Dizendo-te que, diariamente, estou de serviço das sete da manhã às cinco da tarde, e que, além disso, tenho de assistir às conferências de um tenente e de um veterinário, podes compreender quanto me sinto mal. À noite, o corpo cansado e esgotado procura cedo o seu ninho. E assim, sem descanso nem tranquilidade, passa um dia após outro. Que me fica, pois, para o trabalho científico, o estudo necessário e a contemplação?

Até para as coisas que me interessam ainda mais do que as minhas necessidades literárias, como são uma correspondência amiga e a arte, tenho - e só de quando em quando - uma hora livre.

Deixa que esteja em completa posse das minhas forças, e então:

Si male nunc, non oline sic erit...

Para o próximo ano, irei a Paris. Estou quase convencido de que tens o mesmo propósito.

Portanto, a ti, poesia do futuro, e a ti, amizade do meu melhor passado, a última linha e o último borrão:

Fulsere quondane cuandidi Tibi soles!

A SOFIA RITSCHL

Wittekind, Julho de 1868

Minha ilustre Senhora:

Embora não tivesse que devolver-lhe o livro que me cedeu com tanta amabilidade, receberia hoje uma carta minha, pois a recordação do último domingo, tão cheio de sol e de alegria, passado com os senhores em Leipzig, foi o melhor que trouxe comigo para est balneário deserto.

A senhora dignou-se, guiada não sei por que bondoso génio, manifestar o seu interesse pelo meu estado, e tem de suportar as conseqüências; esta carta é a primeira delas.

Cheguei a este balneário anteontem, ao meio-dia; chovia com força, e as bandeirolas, içadas por motivo não sei de que festa, pendiam sujas e frouxas.

O meu hospedeiro, velhaco inequívoco, de óculos azuis, saiu-me ao encontro e conduziu-me ao meu alojamento, mandado reservar por seis dias, e que, exceptuando um sofá desconjuntado, tem todas as características de uma cela prisional.

Em seguida, informou-me de que, para o serviço de duas casas cheias de banhistas, isto é, para trinta ou quarenta pessoas, só há, por junto, uma criada. Há pouco tempo recebi essa visita, mas tão desagradável que só à força de enérgica cortesia pude desembaraçar-me dela. Concretizando: toda a atmosfera que me rodeou era chuvosa, fria e inóspita.

Ontem, travei conhecimento com a natureza e a população do balneário. À mesa, tive a dita de ficar ao lado de um senhor surdo-mudo e de umas figuras femininas maravilhosas. Os arredores parecem feios, mas a chuva e a humidade impedem-me de dar um passo fora do balneário. Volkmann observou-me e aconselhou-me estes banhos. Provavelmente, terei, dentro em pouco, de me sujeitar a uma operação.

Agradeço-lhe muito o empréstimo do livro de Ehlert. Li-o na primeira noite, deitado no velho sofá, com uma luz abominável, mas com grande prazer e entusiasmo interior. Homens mal intencionados podem dizer deste livro que está mal e confusamente escrito. Mas há que ter em conta que o livro de um músico não é o de um homem que vê, mas de alguém que ouve; é, no fundo, música casualmente construída com palavras em vez de notas. Um pintor tem de experimentar, ao lê-lo, a mais penosa impressão, ante a enorme confusão dos quadros, apresentados sem método algum. Porém, eu não tenho, por desgraça, apreço pelos Quadros de Viagem, de Heine, pelo folhetim parisiense, etc., e como com mais gosto um ragoût do que um assado. O mostrar ares científicos e escrever alla breve e com a devida decência uma quantas ideias tímidas, custou-me, até agora, grande esforço. A este respeito, sabe bastante o senhor seu esposo, que se maravilhou da minha absoluta carência de estilo, . Sucede-me como ao marinheiro, que se sente menos seguro em terra do que sobre o navio flutuante. Talvez algum dia encontre um tema filológico que se deixe tratar musicalmente, e então balbuciarei como um menino de mama e acumularei quadros como um bárbaro que adormece ante a cabeça de uma Vénus. E, apesar da "rapidez de exposição, estarei na verdade.

Ehlert também tem razão em quase tudo. Mas muitos homens não conseguem reconhecer a verdade, quando ela se lhes apresenta com trajo de Arlequim. Em troca, nós, os que não consideramos nenhuma página da

vida tão séria que não possamos esboçar nela o arabesco da troça, logo a reconhecemos. Qual o deus que ficará assombrado, se nos mascararmos de sátiros e parodiarmos uma vida que se apresenta sempre aos nossos olhos de coturno nos pés e com olhares patéticos e severos?

Não consigo ocultar-lhe, senhora, a minha inclinação para a dissonância! Não é certo que já tem uma terrível prova disso?

Tratarei de corrigir-me. As pegadas de Schopenhauer e de Wagner são muito difíceis de esconder. Se outra vez me permitir tocar na sua presença, exprimirei em música a minha lembrança daquele belo domingo, e ouvirá, como na minha carta pode ler, a altura que, na minha alma, conserva essa recordação.

A PAUL DEUSSEN

Leipzig, 20 de Outubro de 1868

Meu querido Amigo:

Agora, as tuas cartas chegam sempre em ocasiões notáveis.

A última encontrei-a sobre a mesa, ao tomar, recentemente, posse do meu novo alojamento em Leipzig. Pouco depois, enviei-te a primeira parte do meu trabalho sobre Diógenes Laertius, com o propósito de não incorrer, de novo, na vergonha de ser desagradecido para os meus amigos, e não voltar a permitir que o meu prolongado silêncio me faça supor morto. Nada disso; vivo, e o que é mais, vivo bem e desejo que, de uma vez para sempre, te convenças disto, e de que "filosofar, e "estar doente, não são dois conceitos idênticos, embora haja certa "saúde, eternamente inimiga da filosofia transcendente.

Respondendo assim à última parte da tua carta, liberto-me da proposta que nela me fazes. Amigo querido: Escrever bem" (se é que mereço este elogio - nego ao pernego) não é justificação suficiente para empreender uma critica do sistema schopenhaueriano. De resto, não fazes ideia do respeito que me merece aquele "génio de primeira ordem, quando me julgas capaz (ego homini pusilululo!) de deitar a terra tamanho gigante, pois suponho que não entenderás por "crítica" de um sistema o fazer

ressaltar alguns pontos fracos ou algumas torpezas tácticas, ou demonstrações fracassadas, ainda que com isto julgam haver feito tudo alguns filósofos desprovidos de filosofia.

É impossível escrever a crítica de uma concepção do Universo. Compreende-se ou não se compreende; a existência de uma terceira posição, em relação a ela, parece-me inteiramente impossível. Aquele que não se apercebe do perfume de uma rosa não tem nenhum direito para criticá-lo; e se dele se apercebe à la borlheur! - então Lhe passará a vontade de criticá-lo.

Acontece, simplesmente, que não nos entendemos. Permite-me, pois, que, com já te propus, me cale sobre esta ordem de coisas.

Nem, também, aprovo que digas que te encarreguei de uma defesa e de uma apologia da ciência filológica, e que recusas essa honra. Eu queria, unicamente, saber o que pensas sobre o estado presente da Filologia, os métodos adoptados, o progresso dos filólogos actuais, na sua posição ante as escolas, etc. Tudo isto, como contraste para as minhas opiniões pessoais, tão asperamente expressas na minha carta. Falar claramente (ou marcialmente) no comércio epistolar, tem a vantagem de fazer sair aquele a quem nos dirigimos de posições flutuantes e imprecisas, e levá-lo a pronunciar o "sim" ou o "não" directos, fundamentados nalguma coisa. Mas a tua compreensão mitológica da Filologia, como filha (dizes filha - heu, heu) da Filosofia, e como tal livre de todo o domínio e dependência, carece do menor fundamento. Se me é permitido falar mitologicamente, dir-te-ei que considero a Filologia um aborto da deusa Filosofia, gerado por um idiota ou cretino. É pena que Platão não idealizasse este mesmo mito! Acreditá-lo-ias melhor do que a mim... E com razão. Certo é que eu exijo a toda a ciência o seu passaporte, e, se não me pode provar que, no seu horizonte, existe algum grande fim civilizador... deixo-a passar sempre, visto que os insignificantes têm tanto direito à existência no reino científico como na vida. Mas se as citadas ciências-Kauz fazem trejeitos patéticos e calçam coturno, não devem tomar-se a sério os seus gestos. Ora bem; algumas destas ciências chegam assim à senilidade, e oferecem então um aspecto repulsivo, quando, com seu corpo consumido, veias secas e boca murcha, buscam o sangue de novas naturezas florescentes e o chupam como vampiros. Nesse momento, o dever de todo o pedagogo é manter as frescas forças louçãs longe dos abraços desses velhos monstros, que são

venerados pelos historiadores, e odiados pelo presente, e que serão destruídos pelo futuro.

A ERWIN ROHDE

Leipzig, 9 de Novembro de 1868

Meu querido Amigo:

Posso contar-te hoje coisas tão divertidas, olhar tão alegremente o futuro e adoptar um tom tão agradavelmente idílico que certamente a minha carta fará fugir essa febre, que é tua hóspede perversa. Para evitar toda a dissonância, tratarei, em carta a parte, daquela resposta severa que deu origem à tua segunda missiva, de maneira que possas deixar a sua leitura para quando tenhas disposição apropriada.

Os actos da minha comédia intitulam-se:

1. Um serão da sociedade, ou o professor auxiliar.

2. O alfaiate expulso.

3. Uma entrevista com X.

Na representação tomam parte algumas velhas.

Na quinta-feira, seduzido por Romundt, caí na tentação de ir ao teatro, pelo qual tem arrefecido muito o meu entusiasmo.

Queríamos ver uma demonstração da arte do nosso "Director do futuro" Henrique Laube, e colocámo-nos, como deuses sobre o seu trono do Olimpo, para julgar um manuscrito chamado "O Conde de Essex". Naturalmente, maldigo quem me induziu na tentação, fiado na lembrança de sensações da sua longínqua infância, e considerei-me feliz por abandonar um local onde não se encontrava nem sequer Glaukidion, segundo se demonstrou pela análise microscópica de todos os cantos do teatro.

Ao voltar a casa, encontrei duas cartas: a tua e um convite de Curtius, a quem me apraz tratar agora mais intimamente.

Quando dois amigos como nós se escrevem, é sabido que os anjinhos se alegram; assim sucedeu, quando li a tua carta; creio que eles até chegaram a rir às gargalhadas.

Na manhã seguinte, saí com intenção de agradecer a Curtius o seu convite, já que, infelizmente, não me era possível aceitá-lo. Não sei se conheces esta senhora; a mim agradou-me muito, e nessa ocasião passei com ela e o marido um bocado de encantadora alegria. Nesta disposição de espírito, fui ver Zarncke, meu redacteur en chef.

Tive um cordial acolhimento e combinei com ele qual havia de ser a minha actividade na sua revista. Encarregou-me, entre outras coisas, de quase tudo o que se relaciona com a filosofia grega, à excepção de Aristóteles, de quem se ocupa Torstrik, e de outro sector que Heinze tem a seu cargo. Heinze, meu antigo mestre (agora conselheiro e preceptor dos príncipes, na corte de Oldemburgo). Leste o meu artigo sobre a Symposiaca Anacreontea? " Brevemente será a vez do meu homónimo, que se tornou cavaleiro da imperatriz Eudokia. Intolerável dama e aborrecido cavaleiro!

Quando cheguei a casa, encontrei a tua segunda carta; indignei-me e decidi perpetrar um atentado.

À noite, realizava-se, na nossa sociedade filológica, a primeira conferência deste semestre. Cortesmente, propuseram-me tomá-la a meu cargo, e eu, que necessito de ocasiões para me exercitar nas armas académicas, aceitei gostosamente, e tive a satisfação de encontrar, à minha entrada no café Laspel, a compacta massa de quarenta ouvintes. Romundt tinha sido encarregado por mim de tudo observar cuidadosamente, para poder dizer-me o efeito causado pela parte teatral da minha conferência, isto é, voz, atitude, construção e estilo. Todo o meu discurso foi improvisado, servindo-me unicamente de uns curtos apontamentos. Ao regressar, encontrei em casa um bilhete, dirigido a mim, com estas palavras: "Se queres conhecer Ricardo Wagner, vem, às três e um quarto, ao café-teatro. Windisch. "

Acudi, naturalmente, à entrevista, e encontrei o nosso amigo, que me deu novos esclarecimentos. Wagner estava em Leipzig e vivia, guardando o mais severo incógnito, em casa de uns parentes seus. A imprensa não tinha a menor suspeita, e os criados de Brockhaus eram túmulos com libré. Ora bem; a irmã de Wagner, mulher do professor Brockhaus, tinha

apresentado o seu irmão à mulher de Ritschl, sua grande amiga, com o que se proporcionara à feliz criatura o orgulho de gabar-se de uma tal amiga, ante o irmão, e deste ante a amiga. Wagner tocou, na presença da mulher de Ritschl, o "lied" de Walter, dos "Mestres Cantores", que tu bem conheces, e a boa senhora disse que esse lied, lhe era já muito familiar na opera, causando regozijo e assombro em Wagner. Este expressou o seu veemente desejo de conhecer-me, se bem que sem divulgar a sua presença em Leipzig. Resolveram convidar-me para sexta-feira; porém Windisch disse que, nesse dia, os meus compromissos e deveres profissionais me impediriam de comparecer e, então, ficou combinado o convite para sábado, à tarde. Neste dia, corremos para ali, Windisch e eu, encontrando a família Brockhaus, mas não Wagner, que tinha saído com um enorme chapéu na cabeça. Conheci a excelente farru7ia e tive um amável convite para domingo, à noite.

Realmente, o meu estado de espírito era, durante estes dias, algo novelesco. Concorda que o prólogo deste conhecimento, dada a inacessibilidade de homem tão original, tocava o inverossímil.

Julgando que havia numerosos convidados, decidi fazer grande toilette. E estava encantado, porque, precisamente para domingo, o meu alfaiate tinha prometido entregar-me um fraque novo. Estava um dia espantoso de chuva e de neve. Horrorizava sair à rua. E alegrou-me sobremaneira receber, à tarde, a visita de Roscher, que me contou várias coisas sobre os Eleatos e sobre Deus na Filosofia, pois está trabalhando como candidandus no tema escolhido por Ahrens: "Desenvolvimento do conceito de Deus até Aristóteles, enquanto Romundt intenta alcançar o prémio da Universidade, tratando o tema: "Sobre a Vontade". Anoitecia, e o alfaiate sem vir. Romundt retirou-se. Acompanhei-o; fui em pessoa procurar o alfaiate e encontrei os seus escravos afanosamente ocupados em terminar o meu trajo. Prometeram enviar-mo daí a três quartos de hora.

Fui, fazendo tempo, até minha casa; passei pelo café Kintschy, li o Kladderadatsch e encontrei, com prazer, a notícia de que Wagner viajava na Suíça, mas que se construía em Munique uma bonita casa para ele. No entanto, eu sabia que estava em Leipzig, e que no dia anterior recebera uma carta do "Reizinho, com as seguintes palavras: "Ao grande poeta musical alemão Ricardo Wagner.

Em casa, nem vestígios do alfaiate. Li, contudo, devagar, a dissertação sobre Eudokia, e somente fui perturbado por umas chamadas

que de tempos a tempos soavam a distância. Por fim, cheguei à convicção de que alguém esperava ante a velha grade de ferro da cancela, fechada assim como a da casa. Gritei para o jardim, mas foi-me impossível dominar o ruído da chuva e fazer-me entender. A casa alvoroçou-se; abriram, por fim, as portas, e um homenzito velho chegou até ao meu quarto, com um embrulho. Eram seis e meia. Tratei de vestir-me, pois vivo muito longe do lugar da entrevista. Com efeito, o homem trazia as minhas coisas. Provei-as; estavam bem. Transição suspeita!

Apresentou-me a conta. Aceitei-a e manifestei cortesmente a minha conformação. Queria que lhe pagasse no acto da entrega do fato. Assombrado, disse que nada tinha que ver com ele, que é simplesmente um empregado do meu alfaiate, a quem eu encarreguei do caso e com quem me entenderei. O homem apertava; o tempo apertava. Apanhei o meu fato e comecei a vesti-lo; o homem apanhou o fato e impediu que eu o vestisse.

Violência da minha parte; violência da parte dele. Cena. Combati em fralda de camisa, tratando de vestir as calças novas.

Por último: atitude digna, ameaças sobranceiras, maldição sobre o meu alfaiate e o seu ajudante, juramentos de vingança.

Entretanto, o homenzinho afastava-se, com o meu fato. Final do segundo acto: meditei em camisa, sentado no sofá, e pensei se uma labita preta estaria suficientemente bem para visitar Ricardo.

Lá fora, a chuva não afrouxava.

São oito e um quarto. Às oito e meia, estou sentado com Windisch, no café-teatro. Lanço-me na negra noite chuvosa negro homenzito sem fraque, mas preso de novelesca exaltação. A sorte é-me propícia. Até a cena com o alfaiate teve qualquer coisa de imensamente inusitado.

Entramos no agradável salão dos Brockhaus. Ninguém, a não ser a fam7ia mais íntima, Ricardo e nós dois. Sou apresentado a Ricardo e dirijo-lhe algumas palavras, exprimindo-lhe a minha veneração. Ele informa-se minuciosamente de como me familiarizei com a sua música; condena atrozmente todas as representações das suas óperas, exceptuando as famosas de Munique, e troça dos directores que, em tom suave, interpelam as suas orquestras, dizendo: "Senhores, agora apaixonadamente." "Queridos, ainda um pouquinho mais apaixonadamente. Wagner diverte-se, imitando o sotaque de Leipzig.

Agora, contar-te-ei rapidamente o que nos proporcionou aquele serão: prazeres fortes, de tal maneira que ainda hoje não volto a entrar nas minhas normas anteriores, e nada melhor posso fazer do que tagarelar contigo, meu querido amigo, e anunciar-te maravilhosas novidades. Antes e depois de cear, Wagner tocou ao piano todos os trechos principais de "Os Mestres Cantores", imitando, além disso, com grande desembaraço, todas as vozes. É um homem fabulosamente vivaz e fogoso; fala muito depressa, é muito brincalhão e alegra e anima em extremo uma reunião íntima. Tive com ele uma prolongada conversa sobre Schopenhauer. Compreenderás que enorme prazer foi para mim ouvi-lo falar com entusiasmo indescritível do nosso filósofo, dizer o muito que lhe agradece e como havia sido o primeiro filósofo que reconheceu a essência da música. Depois, pediu-me notícias sobre a atitude actual dos catedráticos, com respeito ao mestre; riu-se muito, muito, do congresso dos filósofos, em Praga, e falou dos "servos filosóficos. Leu-nos um trecho da sua biografia, que está a escrever - uma cena extremamente pitoresca da sua vida de estudante em Leipzig, na qual ainda não posso pensar sem rir às gargalhadas. Escreve com grande desenvoltura e é muito engenhoso. No fim, quando nos preparávamos para partir, apertou-me calorosamente a mão e convidou-me, com grande amabilidade, a visitá-lo, para falarmos de música e de filosofia.

Também me incumbiu de familiarizar sua irmã e os seus íntimos com a sua música, do que me encarreguei com prazer.

Contar-te-ei outras coisas, quando sentir esta noite mais distante de mim e possa colocar-me ante ela mais objectivamente.

Por hoje, um cordial adeus e os meus melhores votos pela tua saúde.

A ERWIN ROHDE

Leipzig, 20 de Novembro de 1868.

Meu querido Amigo:

Agora, que posso observar de perto a formigante tribo filológica e vejo diariamente o seu trabalho de toupeiras (cegos os olhos e cheias as bochechas, apressados e indiferentes ante os verdadeiros e até os mais

prementes problemas da vida, e tudo isto não só na ninhada moça, mas também nos velhos que alcançaram todo o seu desenvolvimento) aparecem-me cada dia mais claramente os obstáculos de toda a espécie que, se quisermos permanecer fiéis ao nosso génio, nos cortarão o caminho.

Quando o filólogo e o homem não se adaptam até moldar-se por completo, a mencionada tribo começa por admirar-se desse milagre; depois, enfada-se, e, por último, conforme acabas de experimentar em ti mesmo, ladra, arranha e morde. É bem claro que a velhacaria de que foste vítima não era dirigida contra o teu trabalho, mas sim contra a tua personalidade. Eu também espero receber, em breve, um aviso análogo.

Que terá que ver a nossa personalidade particular, e o juízo que os outros formem dela, com o nosso trabalho numa determinada matéria? Pensemos em Schopenhauer e Ricardo Wagner, e na indestrutível energia com que mantiveram erguida a sua fé neles próprios, apesar do "escândalo, de todo o mundo "ilustrado, . E, se fosse permitido compararmo-nos a estes deos maximos, ficar-nos-ia sempre a consolação de que se não pode negar aos Kauzs o seu direito à existência, nem tampouco às pequeninas corujas, como verás pela fotografia junta. Dois que se compreendem e cujos corações palpitam no mesmo ritmo, constituem um alegre espectáculo aos olhos dos deuses.

Nada há de mais lamentável do que, precisamente, agora, ao começarmos a verificação prática da nossa concepção do Universo, ao explorarmos com os nossos tentáculos todas as coisas e suas relações, homens, estados, historias, religiões, escolas, etc., nos encontremos separados por tantas léguas um do outro, tenha cada um de nós de guardar só para si metade da sensação agradável ou dolorosa de digerir a sua concepção universal.

Seria consolador que, assim como dantes digeríamos juntos, no café Kintschy, as nossas comidas materiais, pudéssemos agora, simbolicamente, beber o nosso café do almoço e, no meio-dia da nossa vida, olhar para ás e para diante.

Mas não será tarde, quando, em Paris, houver o grande "reconhecimento" da nossa comédia, decerto no mais belo cenário do mundo, entre os mais bizarros bastidores e rodeados de muitos mimos.

Oh, que bela ilusão!

Portanto: longe de mim, comum realidade, empirismo vergonhosamente vulgar, Dever e Haver!... Seja esta carta toda a como uma elevada e aprazível saudação oferecida ao amigo!

(Bebe-se o tinteiro).

Coro de ascetas: Ditosos aqueles que triunfaram no saudável exame prático da inquietação!

A ERWIN ROHDE

Naunburg e Leipzig, em princípios de Janeiro de 1869.

Que bela saudação de Natal me mandaste para Naumburg, querido amigo!

Era no começo do primeiro dia de festa, e os sinos tocavam alegremente. Toda a gente recebeu, naquela manhã, o seu presente, e por essa razão, o dia era melhor do que os outros dias do ano. Eu próprio respirava a plenos pulmões a tépida brisa da minha terra natal, quando chegou o carteiro. E a minha alegria atingiu o auge.

Aqueles homens que se acostumaram a sentir-se solitários; que, considerando com um olhar frio os laços sociais e de camaradagem, viram os inconsistentes elos que unem o homem ao homem, elos tão fortes que basta um hálito de vento para fazê-los desaparecer; aqueles que, além disso, têm a prudência de evitar que a chama do génio os torne sós (a chama de cujo círculo luminoso todos fogem, porque tudo à sua luz aparece desprovido de sentido, vaidoso, seco e com um ritmo de dança macabra); aqueles também a quem uma indeterminada idiossincrasia e uma rara mistura de desejos, talentos e anelos da vontade levaram à solidão; todos eles sabem que "milagre incompreensivelmente elevado, é um amigo. E, se são idólatras, terão de elevar, antes de tudo, um altar ao "desconhecido Deus que criou o amigo".

Tenho, aqui, ocasião de observar de perto os elementos de que se compõe uma feliz vida familiar, e vejo que não há comparação possível, em altitude, entre ela e a amizade.

O mais quotidiano e o mais trivial, iluminados pela sensação comodamente indiferente do trajo caseiro - tal é a felicidade familiar, demasiado frequente para ter valor. Em contrapartida, a amizade... Há homens que até duvidam da sua existência. E uma esquisita guloseima, de que só raros participam: só aqueles viajantes fatigados, para os quais "o caminho da vida é um atalho através do deserto", quando caem sobre a areia, são consolados por carinhoso demónio que refresca os seus lábios com o divino néctar da amizade. Esses poucos, nos abismos e nas grutas onde, sem que ninguém os perturbe, oferecem sacrifícios aos seus deuses, cantam hinos belos à amizade, enquanto Schopenhauer, sumo sacerdote, eleva o cálice da sua filosofia.

Ao chegar ao ponto indicado na minha carta com N. B., chegou-me uma notícia que me forçou a interromper naquele período, e sair à rua. Ao voltar, todo o meu corpo tremia, e nem sequer, abrindo-te o meu coração, posso libertar-me do meu espanto. Absit diabolus! Absit amicissimus Erwirius!

A ERWIN ROHDE

Leipzig, 22 e 28 de Fevereiro de 1869.

Meu querido Amigo Hoje, com ninguém mais do que contigo poderia falar intimamente; é o aniversário do nascimento de Schopenhauer, e vivo amarfanhado, na cinzenta nuvem da solidão, pela sociedade daqui. Mas, dia a dia, tenho de ceder à triste violência dos convites.

Oiço, nestas reuniões, tantas vozes, que me é impossível encontrar a minha própria.

Como se pode aguentar tal zumbido? Ou ele me fere porque eu tenho ouvidos de Calíope?

Porém, esse zumbido recorda o do mosquito, e tu sabes que este é o monstro musical por excelência, pois dois mosquitos juntos cantam sempre acordes.

Não encontro por aqui homens que estejam em harmonia comigo e cujas falas sirvam de belo acompanhamento às minhas.

Até os melhores... que têm, segundo observei, o cordial desejo de ser, para mim, alguma coisa mais do que conhecidos, permanecem, não sei porquê, muito longe dos meus sentimentos.

Assim, pois, não será isolamento o que terei de aprender em Basileia.

Estive alguns dias no campo e, por isso, interrompi a minha carta. Volta hoje a mim o estado de espírito com que a comecei, porque recebi, como recordação do aniversário de Schopenhauer, um retrato do nosso mestre, devido à amabilidade de Wiecike, e, ao mesmo tempo, um convite para ir a Plue, residência deste último, nos arredores de Brandemburgo. Ali, reuniu o nosso amigo, para a festa do dia 22, grande número de admiradores berlinenses de Schopenhauer, entre eles o nosso bom Gersdorff. Todos se regozijaram imensamente de que um dos seus tivesse obtido uma cátedra, e brindaram por ele. Não recorda isto as primeiras comunidades cristãs e a sua embriaguez causada pelo doce vinho? Como lema daquele dia, adoptou-se o seguinte aforismo: "Porque há-de ser sempre mal considerada a preocupação de gozar o mais possível o presente, o único seguro, se a vida inteira é apenas um pedaço do presente, e, como tal, passageira em absoluto?"

Na mesa, fez a sua brilhante aparição o consabido cálice de prata; houve um pequeno discurso e, depois do assado, leu-se um capítulo da obra póstuma de Schopenhauer.

Também o dia de hoje será consagrado a um mestre. Estou convidado para um repasto íntimo, no Hotel de Pologne, para travar conhecimento com Francisco Liszt. Há pouco, tornei-me notado pelas minhas opiniões sobre a música do futuro, etc., e sou muito solicitado pelos seus partidários. Querem dar-me parte activa, literariamente, nos seus interesses. Mas não tenho o mínimo desejo de começar a cacarejar em público como qualquer galinha. Acrescente-se a isto que os senhores meus irmãos in Wagner o são, na sua maior parte, muito obtusos e escrevem repugnantemente. Isto faz que careçam em absoluto de conexão com aquele génio, só tenham olhos para a superfície e não para a profundidade, originando a ignomínia de que a escola imagine que o progresso, na música, consiste precisamente naquelas coisas que a originalíssima natureza de Wagner deixa aparecer, como borbulhas, à superfície, aqui e além, e não no puro e essencial. Para a compreensão do livro Ópera e Drama, não está amadurecido nenhum desses maçadores.

Ainda não te contei nada da primeira representação, em Dresden, dos "Mestres Cantores,, grandioso maná artístico que este Inverno me trouxe. Sabe Deus quanto de músico devo ter dentro de mim, pois, durante todo o tempo em que estive executando a obra, experimentei a forte sensação de estar no meu verdadeiro ambiente, e as minhas outras ocupações apareciam-me como névoa distante, da qual houvesse logrado libertar-me. Actualmente, estende-se, de novo, diante de mim, a tal neblina espessa e pesada. Anunciei para o semestre estival duas conferências. Uma, particular, sobre "História da lírica grega, com interpretação de trechos escolhidos"; outra, pública, na qual tratarei da "Metódica investigação das fontes da história da literatura grega". Também exigirão tempo e trabalho, o ensino do grego e o estudo filológico. E, em volta disto, é a solidão a solidão sem amigos, nem ruídos!

De momento, vivo distraído, e até buscando os prazeres num desesperado Carnevale, antes da ande Quarta-Feira de Cinzas do filisteísmo. Isto acabrunha-me, mas nenhum dos meus conhecidos o entende. Deixam-se deslumbrar pelo título de "catedrático, e julgam que sou o homem mais ditoso que existe no Globo.

Meu mais querido amigo: em cada dia que passa, sinto com maior pesar a nossa separação. Somos ambos "virtuoses" de um mesmo instrumento, instrumento que outros homens não querem nem podem escutar, mas que em nós produz o mais profundo encanto. E, sendo assim, estabelecemo-nos cada um em distinta costa solitária: tu no Norte, eu no Sul, e somos ambos desgraçados, porque nos falta o acordo harmónico dos nossos instrumentos, e vivemos a desejá-lo.

AO BARÃO DE GERSDORFF

Naumburg, 13 de Abril de 1869.

Meu querido Amigo:

O último prazo expirou; chegou a última noite que passo na minha pátria; amanhã cedo partirei para o vasto mundo; vou dedicar-me a nova e não costumada actividade, numa pesada e agressiva atmosfera de dever e trabalho. De novo temos de nos dizer adeus; passou sem remissão a

dourada época de livre actividade ilimitada, do presente soberano, do gozo do mundo e da arte como espectador desinteressado ou, pelo menos, fracamente interessado. Agora, reina a severa deusa do dever quotidiano. "Bemooester Bursche sich ich aus. " Tu conheces o comovedor "lied" académico. Sim, sim, eu também tenho de ser filisteu! Em toda a ocasião e lugar, esta frase comprova a sua verdade. Os empregos e dignidades pagam-se. Cuida-se, apenas, de saber se as algemas de cada um são de ferro ou de latão. Eu ainda tenho o valor de quebrar as minhas algemas, quando é necessário, e intentar reconstruir, de maneira nova e noutro lugar, essa vida azarenta. Ainda não encontro em mim nem sombras da fadiga característica do professor. Deus e todas as musas me preservem de ser filisteu, homem abandonado pelas musas, homem de rebanho! Além disso, não sei como teria de arranjar-me para chegar a sê-lo, uma vez que actualmente o não sou. É certo que estou, agora, num género de filisteísmo, o do "homem especializado, mas é natural que o labor diário e a contínua concentração do pensamento sobre determinados problemas e sectores científicos embotem um pouco a livre sensibilidade, e ataquem, nas suas raízes, o sentido filosófico. Ainda imagino que poderei escapar a este perigo com mais paz e segurança do que a maior parte dos filólogos.

A severidade filosófica arraigou-se profundamente em mim, e o grande mestre Schopenhauer mostrou-me, com bastante clareza, os verdadeiros e essenciais problemas da Vida e do Pensamento, para que eu nunca tema chegar a uma ignominiosa apostasia da ideia. Injectar este novo sangue à minha ciência, levar aos meus ouvintes aquela severidade schopenhaueriana impressa na fronte do homem sublime, eis o meu desejo e a minha ousada esperança. A vontade de ser algo mais do que um adestrador de bons filólogos, a geração de professores actuais; o cuidado pela jovem ninhada que nos há-de suceder; tudo isto adeja ante a minha alma. Se temos de exteriorizar a nossa vida, intentemos empregá-la de maneira que, quando nos redimirmos dela com felicidade, os outros a bendigam como valiosa.

Para ti, caro amigo, com quem estou de acordo em muitas interrogações basilares da vida, desejo a felicidade que mereces; para mim próprio, a tua velha e fiel amizade. Adeus!

A SUA MÃE

Basileia, 16 de Junho de 1869.

Querida Mãe Deixa-me contar-te alguma coisa de teu filho, o livre helvético. Só há a contar coisas alegres e agradáveis, puro "leite e calda de açúcar", comparação que os pequenos-almoços suíços facilmente me sugerem. É certo que a minha vida é bastante diferente daquela a que estava acostumado; nada resta daquela soberana liberdade, daquela indiferença pelo dia e pela semana.

Sinto, agora, nitidamente, como ainda a mais desejada actividade constitui, quando tem de ser exercida como emprego ou profissão, grilheta pela qual puxa, impaciente, a nossa vontade.

Invejo o meu amigo Rohde, que vagueia, livremente como um animal no deserto, por Campânia e Etrúria. O pior para mim é, como podes calcular, a horrenda turba dos meus "ilustres" colegas, que se esforçam, como se tal constituísse uma obrigação, em convidar-me diariamente, de tal maneira que já sou perito na arte de recusar convites habilidosamente. Quanto ao resto, as pessoas mostram-se bem dispostas para comigo, e aqueles que viram com desagrado a minha chegada aqui já se resignaram ante o irremediável, ou, conhecendo-me mais de perto, viram desvanecidas as suas prevenções. Especialmente importante, neste sentido, foi o meu discurso de apresentação, pronunciado há pouco, numa aula mais concorrida do que é costume nestes casos. Versou sobre "A personalidade de Homero", e com ele esta gente convenceu-se de muitas coisas.

Segundo notei claramente, firmou-se muito a minha posição.

Estaria mais contente se tivesse em Basileia o meu amigo Rohde; é doloroso ter de voltar a procurar, como artigo de primeira necessidade, um amigo íntimo e conselheiro.

Já falei de ti ao meu colega Burckardt, que se ocupa, com grande talento, de História de Arte, e ao economista Schmberg, pois considero-os dignos de se tratar com eles.

É para mim da maior importância ter, em Lucerna não tão próximo como eu desejaria, mas também não tão longe que não possamos aproveitar os dias livres para nos reunirmos, o amigo mais desejado:

Ricardo Wagner, tão grande como homem, e tão extraordinário como artista. Com ele e com a genial senhora de Blow, filha de Liszt, passei já vários dias felizes, por exemplo: os últimos sábado e domingo. A moradia de Wagner está maravilhosamente situada na margem do lago, ao pé de Pilatus, num isolamento encantador. Vivemos ali na mais animada conversação, dentro do mais amavel círculo familiar, e alheios em absoluto à trivialidade habitual das reuniões de sociedade. Isto foi para mim um verdadeiro milagre.

A FREDERICO RITSCHL

Hotel Pilatus, Klimsenhorn, 2 de Agosto de 1869.

Respeitável e querido Senhor Conselheiro Secreto:

Pela primeira vez, em completo gozo de férias, experimento uma sensação que não conhecia desde os meus tempos de colegial.

Os meus anos de estudante não foram mais do que um voluptuoso vaguear pelos campos da Filosofia e da Arte, e, com íntimo agradecimento para si, que foi o "destino" 56 que até agora guiou a minha vida, reconheço a necessidade e oportunidade da nomeação que me converteu de "estrela errante" em "fixa" e tornou a deixar-me saborear o prazer do trabalho amargo, mas ordenado e o de fim certo e firme! Que diferente é a maneira como o homem cria, quando sente atrás de si a santa fatalidade da profissão! Que tranqüilo dorme, e como sabe com certeza, ao despertar, o que dele exige o novo dia! Isto não é, de modo algum, filisteísmo. Sinto agora, como se tivesse reunido grande quantidade de folhas dispersas, e formado um livro. "E isto alegra muito o livro", para falar à maneira do pouco gramatical Kórner.

Mas para que o aborreço com estes sentimentos? Unicamente para mostrar-lhe com que profundo agradecimento admiro, na feliz transformação efectuada na minha posição na vida, a sua penetração pedagógica, que solucionou, acertadamente no meu caso, um problema de importância, e não sem riscos e perigos.

A solidão e o retiro do sítio onde estou convida-me a meditar intensamente no caso.

Aqui, no cume do Pilatus, envolto em nuvens, sem qualquer horizonte, revela-se-me a forma por que foi conduzida a minha vida, até ao dia, numa luz tão maravilhosa, e reconheço o favor de me ter sido permitido viver tanto tempo a seu lado, como uma alavanca da minha vida interior e exterior, tão importante que tenho de pegar na pena imediatamente para lhe dar conta dos meus renovados e calorosos sentimentos de gratidão.

AO BARÃO DE GERSDORFF

Hotel Pilatus, Klimsenhorn, 4 de Agosto de 1869.

Não podes imaginar, meu querido amigo, o quanto me emocionou a tua última carta, e quão claramente me deu a sensação do nosso acordo. A tua voz, saindo da penosa preparação do exame e em meio da formigante agitação da cidade, soou aos meus ouvidos como a de um homem severo que aspira ao melhor e ao mais digno; um homem que, afastado dos caminhos próprios da sua idade e dos seguidos pelos seus companheiros de profissão, se encontra satisfeito e no lugar que lhe é adequado, dentro de um limitado círculo de eleitos, dedicados a especular sobre as mais importantes interrogações. Este mundo espiritual em que tu vives é e será sempre, acredita-me, o meu predilecto, e não me deixarei separar dele, de nenhum modo, pela minha actividade filológica, antes, pelo contrário, trabalho na construção da ponte que há-de unir o desejo interior com o dever exterior. Assim, no próximo semestre, lerei uma "História dos Filósofos Pré-Socráticos, na qual terá de incluir-se tudo quanto sirva de forte alimento espiritual para os meus ouvintes, e os conduza, sem eles o notarem, até aos mais sérios e dignos pensadores.

Além disso, encontrei um homem que revelou, como nenhum outro, aos meus olhos, a imagem daquilo que Schopenhauer chama "o Génio", e está compenetrado da filosofia maravilhosamente intensa do mestre. Este homem é Ricardo Wagner, sobre quem não deves acreditar nada do que se diz na Imprensa, nem sequer nos artigos dos entendidos em música.

Ninguém o conhece e ninguém pode julgá-lo, porque toda a gente se baseia em fundamentos diferentes dos seus e ninguém se sente à vontade na sua atmosfera. Nele predomina um idealismo absoluto, uma profunda e comovedora humanidade, uma elevada severidade. A seu lado, sinto-me junto do Divino. Já passei muitos dias na sua vila, perto do lago dos Quatro Cantões, e sempre é nova e inesgotável a sua maravilhosa natureza.

Uma prova disso é o manuscrito, que ontem me entregou, sobre "Estado e Religião, trabalho profundo, destinado a esclarecer o seu "jovem amigo" - o rei da Baviera - acerca da posição íntima a adoptar perante estes dois poderes. Nunca se falou a um rei de modo mais digno e filosófico. Ao lê-lo, senti-me plenamente elevado e comovido pelo idealismo que nele há, e que parece nascer do espírito de Schopenhauer. "Um rei pode compreender, melhor do que ninguém, o sentimento trágico da vida. Por tal razão, corresponde-lhe o direito de graça, etc. "

Alegra-me, brevemente, com notícias sobre a tua acção in partibus infidelius, Ss e recebe as cordiais saudações do teu dedicado.

Fritz Nietzsche.

Um livro importante para ti é a Filosofia do Inconsciente, de Hartmann, apesar da má fé que contém. Procura, depois, Arte e Política Alemãs, e Ópera e Drama, de Ricardo Wagner.

AO BARÃO DE GERSDORFF

Basileia, 28 de Setembro de 1869.

Meu querido Amigo:

Vais conhecer o efeito que produziu em mim a tua última carta. Também eu, quando a recebi, tinha deixado de pertencer aos "sarcófagos". Recordo que já fiz, em Leipzig, após a leitura de Shelley, uma tímida tentativa para te demonstrar os paradoxos da alimentação vegetariana, e respectivas conseqüências. Infelizmente, o local era pouco propício: estávamos no restaurante Mahn, perante umas costeletas. Perdoa este

vulgar pormenor minucioso da minha recordação. Eu próprio estou assombrado, mas o contraste da tua natureza com a concepção do vegetarianismo universal manifestou-se-me, então, com tamanha força que até as minudências ficaram gravadas em mim.

Depois desta primeira confissão, outra: estou, novamente, convencido de que todo o vegetarianismo é uma falsa mania e, além disso, das mais suspeitas. Creio não ter agora ao alcance todas as razões que, nos últimos tempos, me fizeram chegar a tais convicções. Passei uns dias, como faço com frequência, ao lado de uma pessoa que levou a cabo, durante largos anos, idêntica abstinência e que, portanto, pode falar disso: Ricardo Wagner. Ele apresentou aos meus olhos, exaltada e calorosamente, os erros e as perversidades dessa teoria e da sua prática.

O principal, para mim, é que também nisto pode ver-se claramente aquele optimismo que surge sempre à superfície com formas maravilhosas. Tão depressa vem o socialismo como o vegetarianismo, a proclamarem ser possível restabelecer a felicidade e a harmonia, unicamente com o repúdio de qualquer atitude pecaminosa e antiantinatural. A nossa sublime filosofia ensina, em troca, que, onde quer que acudamos, encontraremos sempre a plena corrupção, a pura vontade de viver, e que, perante isto, são insensatas todas as curas paliativas.

É certo que a consideração pelos animais é qualidade que adorna o homem nobre; mas a Deusa Natureza, imoral e cruel, com grande instinto, conduz os povos da nossa zona ao horrível carnivorismo, enquanto que, nos países cálidos, onde os macacos vivem de vegetais, podem também os homens satisfazer-se com estes, seguindo o mesmo imperioso instinto. Também, entre nós, cabe o vegetarianismo absoluto, mas só em homens especialmente vigorosos e de grande actividade corporal, ainda que constitua, em todo o caso, prática contra a Natureza. E esta vinga-se à sua maneira, como Wagner pôde comprovar pessoalmente, e no mais alto grau. Um dos seus amigos chegou a ser vítima da experiência, e ele, Ricardo, crê que já não seria vivo se tivesse persistido nesse regime alimentar. A regra que, na questão, nos dá a experiência, é esta: as naturezas que produzem intelectualmente, e as intensamente espirituais, têm de alimentar-se de carne. A outra alimentação fica para os operários e trabalhadores do campo, que não passam de máquinas de digerir. Há, além deste, outro ponto de vista importante: um processo tão anormal de subsistir consome, pela luta que produz em todo o organismo, uma incrível quantidade de

força e energia do espírito, ao qual se subtraem desta forma aspirações nobres e de geral utilidade. Aquele que queira constituir, com a sua prática, alguma coisa nova e inaudita, cuide de fazer algo de nobre e grande; mas nunca uma teoria em que se trate apenas da conservação da matéria. E, se pode admitir-se existirem pessoas que atingem o martírio por tais coisas, não quererei eu contar-me no número delas, enquanto houver no terreno espiritual qualquer bandeira para manter erguida. Bem sei, meu querido amigo, que na tua natureza há qualquer elemento heróico ansioso de criar um mundo cheio de lutas e penas, mas receio que uns quantos imbecis sem importância queiram malbaratar esta nobre inclinação tua, pondo-a ao serviço de semelhante princípio. Considero toda a produção literária excessivamente difundida sobre este assunto um cúmulo de mentiras infames, ainda que ditadas por fanatismo honrado e louco. Lutemos, sim, mas quando seja preciso e não contra moinhos de vento. Pensemos na luta e no ascetismo dos verdadeiros grandes homens: Schopenhauer, Schiller, Wagner!

Começo outra folha de papel, porque, realmente, me preocupa muito não poder estar de acordo contigo a este respeito.

Até o conseguir, e para te provar a minha bem intencionada energia, tenho-me mantido, até agora, na disciplina que discutimos e que penso não abandonar, enquanto o permitires. Para que há-de levar-se a temperatura até ao exagero? Sem dúvida, porque é mais fácil ocupar um ponto extremo do que andar sem vacilação pelo doirado caminho médio.

Reconheço que nos hotéis nos acostumam a uma "superalimentação"; motivo por que eu não entro em nenhum. Também vejo claramente que uma temporária abstinência de carne é, por motivos dietéticos, útil em extremo. Mas porquê - falando como Goethe - "fazer religião" disso? A razão é que a maioria está dentro de todas estas singularidades, e o que amadureceu para o vegetarianismo, também está amadurecido para o ragoilt socialista.

Também nisto Schopenhauer exprimiu e agiu com a infalível segurança do seu grande instinto. Bem sabes onde.

Não quero falar mais sobre este ponto, mas sim de tudo o que se refere ao nosso mestre. Vivo colocado num centro do qual partem e se estendem por todo o mundo fios schopenhauerianos. Quando nos tornarmos a reunir, falar-te-ei do schopenhauerianismo de Wenkel, e do de

Wagner, o qual está penetrado e consagrado em absoluto por esta filosofia. Também te lerei as cartas interessantes, pela sua riqueza de ideias, dos meus amigos, os doutores Rohde (Florença) e Romundt (Leipzig) que estão cheios da mais profunda e característica essência das ideias do mestre.

Por último, e a falar de mim, dir-te-ei que tal concepção do Universo cada dia penetra mais e mais no meu pensamento, mesmo no científico, como observarás quando te mandar o meu discurso de apresentação. Trata de "A Personalidade de Homero" e é preciso que se esteja muito familiarizado com o mestre, para notar onde se enraíza neste discurso o encanto do seu modo de pensar.

No próximo Inverno, terei ocasião de ser útil à nossa causa.

Anunciei uma "História dos Filósofos Pré-Socráticos, uma conferência sobre Homero e Hesíodo, e dissertações públicas, "Sobre a estética dos trágicos gregos" e sobre "O antigo drama musical. Wagner virá de Tribschen para ouvi-las.

A ERWIN ROHDE

Já te escrevi acerca do valor que tem Wagner para mim: é a encarnação do que Schopenhauer chama "um génio".

Creio poder estar contente com a minha actividade académica, cujo primeiro semestre acaba de terminar. Noto nos meus ouvintes o mais vivo interesse e verdadeira simpatia, coisas que se revelam no facto de virem frequente e gostosamente pedir-me conselhos.

Mas é uma vida fatigante, acredita. Ai! Se não tivesse sido forçado a escrever todas estas palavras!... O calor e a energia do sentimento desaparecem ao fixar-se no papel, envolta em tinta, a primeira palavra. E, apesar disso, espero alguma coisa desta minha carta. Ou, porventura, não devo esperar?

De qualquer modo, e pelo menos, espero uma resposta imediata.

AO BARÃO DE GERSDORFF

Basileia, 11 de Março de 1870.

Meu querido Amigo:

Ter-te-ia escrito há mais tempo, se não tivesse vivido toda esta última época na maravilhosa crença de nada saber de ti.

Julgava que a tua nova profissão jurídica trouxera consigo uma modificação de todas as outras circunstâncias; e estava quase a dirigir-me à Comissão Roberstein, de Berlim, solicitando notícias da tua pessoa, quando recebi duas cartas tuas seguidas.

Ambas me impressionaram fortemente e despertaram em mim ardentes desejos de tornar a ver-te. Que pensas de uma viagem pela Suíça, no próximo Verão, até ao mês de Julho?

O facto de estarmos de acordo sobre Ricardo Wagner constitui para mim valiosa prova da nossa união espiritual, porque é muito difícil não nos enganarmos ao apreciá-lo. É necessário um sólido vigor viril para resistirmos à espantosa gritaria que se levanta contra ele, sem sermos induzidos em erro. Além de que, no partido contrário, há pessoas de grande inteligência e combatividade. Schopenhauer tem de ajudar-nos a resolver este conflito, tal qual fez Wagner, na prática e como artista.

Duas coisas tenho eu sempre presentes.

1 - A concepção universal e artística de Wagner, a qual, cheia de uma severidade inacreditável e de uma profundidade verdadeiramente germânica, ressoa na sua música e é - assim como o ascetismo e a negação da vontade schopenhaueriana - uma abominação para a maioria dos homens da nossa época.

2 - Os nossos "judeus" - e tu conheces toda a extensão alcançada por este conceito - odeiam, sobre todas as coisas, o idealismo wagneriano, esse idealismo que o aproxima de Schiller, mais que de qualquer outro, esta luta magnânima e ardente para fazer raiar, por fim, o "dia dos nobres", o cavalheiresco - o que mais repugna à turba política e pública actual.

Há que juntar a estas duas coisas, que frequentemente se encontram em pessoas de talento, uma tendência para a contemplação indolente, como se não fosse necessário um trabalho pessoal e um penetrante estudo para atingir a compreensão de um tal artista e de tais obras de arte. Quanta alegria sinto, por saber que estudas, cuidadosamente, o livro Ópera e Drama!

Comuniquei-o imediatamente aos meus amigos de Tribschen, para os quais os outros amigos meus não são desconhecidos. E se, a pretexto da primeira representação dos Mestres Cantores, quiseres escrever uma extensa e minuciosa carta a R. W., dar-nos-ás grande alegria e, em Tribschen, ficar-se-á sabendo melhor quem és. Temos de supor que, se vieres visitar-me, iremos lá os dois. Conhecer verdadeiramente de perto um génio assim constitui um inesgotável enriquecimento da vida. Para mim, tudo o que há de melhor e mais belo está unido aos nomes de Schopenhauer e de Wagner, e sinto-me orgulhoso e feliz por coincidir neste ponto com os meus amigos mais próximos. Conheces já Arte e Politica ? Anuncio-te a publicação de um pequeno escrito "Sobre o dirigir", que só pode comparar-se com Pro Formas de Filosofia, de Schopenhauer.

Sinto muito a desgraça de teu irmão. Reunimo-nos em Leipzig, com frequência, depois da tua partida, e dei-lhe sempre a minha estima. Esperemos que tudo volte à normalidade. É assim, universal, a nossa vida! Por todos os lados, o espantoso abre as suas fauces. Há que manter a coragem, o valor, e, para isso, quanto se necessita de contar bons amigos! A solidão é desconsoladora em excesso.

A PAUL DEUSSEN

Basileia - Primavera de 1870.

Meu querido Amigo:

Comparando a tua última carta com toda a tua anterior literatura epistolar, observa-se uma incrível diferença. Finalmente, desapareceu, agora que falamos a mesma linguagem e não sentimos coisas diferentes ao pronunciar as mesmas palavras, aquela separação que durante tanto tempo existiu entre nós.

É possível que, se tivéssemos estado sempre juntos, houvéssemos evitado e substituído por um atalho mais natural e suave, o penoso caminho, nem sempre plano e direito, que tens seguido até alcançar o actual grau de educação. Tu tens sido, entre os meus amigos, o último que encontrou a senda da sabedória.

Agora abrigo, finalmente, também a teu respeito, as melhores esperanças. Muitas névoas deixaram de cegar teus olhos. Certo é que, como sucede comigo, te sentirás mais solitário do que nunca. É que, para nós, se tornaram inacessíveis muitas posições deslumbrantes da vida. Em compensação, também já nos não parecem dignas de esforço para alcançá-las. O nosso destino é a solidão espiritual e, às vezes, uma conversa com os que estão de acordo connosco. Mais do que ninguém, necessitamos dos consolos da Arte. Não queremos converter ninguém, porque sentimos que o abismo que nos separa dos outros foi aberto pela própria Natureza. A piedade chega a constituir o nosso sentimento mais íntimo. Emudecemos quase por completo. Eu tenho dias (e muitos!) em que só falo o imprescindível para o desempenho do meu cargo, e nada mais. Verdade é que possuo a dita incalculável de ter como amigo positivo o verdadeiro irmão espiritual de Schopenhauer, que é, com respeito a este, o mesmo que Schiller em relação a Kant. É um génio que sofreu o destino espantosamente sublime de vir ao mundo um século antes de poder ser compreendido. Esta amizade tem-me feito penetrar nas profundidades daquela concepção idealista do Universo. Apercebo-me também de que todos os meus esforços filosóficos, morais e políticos, tendem agora para um só e único fim e que, talvez o primeiro entre todos os ilólogos, vou a caminho de ser uma totalidade. A História, e, sobretudo, o helenismo, aparecem ante mim rejuvenescidos e transfigurados.

Quisera enviar-te já todas as minhas conferências, mas principalmente a última, "Sócrates e a Tragédia". Têm sido acolhido ódios e das aqui como uma serie de paradoxos e tem levantado cóleras. Podem vir os ataques e o escândalo! Olvido todas essas considerações quando se trata do primordial. Sejamos na visão da nossa teoria cósmica.

Agora nascem-te desejos de te desembaraçares das tuas novas experiências e de me escreveres com maior frequência pois dificilmente encontrarás quem tenha passado por mais conversões e tenha amado mais, nos outros, o neofltismo apaixonado.

AO BARÃO DE GERSDORFF

Naumburg, 20 de Setembro de 1870.

Meu querido Amigo:

Esta manhã trouxe-me a mais agradável surpresa e libertou-me de graves inquietações. Refiro-me à tua carta. Ainda anteontem me assustou muito ouvir pronunciar, em Pforta, o teu nome, em tom de dúvida. Tu sabes o que significa, na actualidade, essa entonação dubitativa. Perante isto, requeri do reitor uma lista de alunos caídos no campo de batalha, lista que recebi ontem e que me tranqüilizou sobre o que mais me interessa. Uma interrogação.

Kiedesel, etc. In summa.

Tudo o que escreves me comoveu profundamente; sobretudo o tom severo e leal com que falas da prova de fogo que está sofrendo a nossa comum concepção do Universo. Também eu levei a cabo igual experiência; também para mim estes meses constituem uma época na qual se me têm confirmado e se têm manifestado, como bem arraigados, os dogmas fundamentais. Podemos morrer com eles, e isto vale mais que dizer:

"Com eles podemos viver.

Nem eu tenho estado em absoluta segurança e fora dos perigos desta guerra. Ao ser declarada, apresentei aos meus superiores o pedido de licença para cumprir, como soldado, o meu dever de alemão, o que me foi concedido, mas sob compromisso de não transportar a as, por causa da neutralidade suíça. (Desde 69 que não tenho direito à nacionalidade prussiana.)

Então, pus-me a caminho, acompanhado por um excelente amigo, a flm de prestar serviços como enfermeiro voluntário.

Este amigo, com quem tudo foi comum, durante sete semanas, é o pintor Mosengel, de Hamburgo. Ao voltar o tempo de paz, far-te-ei travar conhecimento com ele. Sem o seu valoroso apoio, dificilmente resistiria aos acontecimentos que passo a descrever: em Erlangen, vários colegas meus da Universidade deram-me instruções sobre medicina e cirurgia. Tínhamos, ali, 200 feridos. Daí a poucos dias, fui encarregado

especialmente de prestar assistência a quatro - dois prussianos e dois zuavos. A dois deles, declarou-se-lhes a difteria cutânea, e tive de dar muitas piticeladas. Quinze dias após, fomos enviados, Mosengel e eu, para uma sociedade de socorros, com o fim de cumprirmos vários encargos particulares e fazer chegar às mãos de oitenta enfermeiros, enviados anteriormente, uma considerável soma de dinheiro.

O nosso plano era reunirmo-nos com o meu colega Zimssen, em Pont-à-Mousson e agregarmo-nos ao grupo de quinze homens que o seguia. Isto não pôde realizar-se. O cumprimento dos nossos deveres foi-nos muito difícil. Necessitávamos absolutamente de informações precisas, e tivemos de fazer grandes marchas a pé e, com indicações muito vagas, investigar, nos lazaretos de Weissenburg, no campo de batalha de Wórth, em Hagenau, Luneville, Ranzig e até Metz. Em Arssur-Moselle, entregaram-nos vários feridos que deviam ser transportados a Karlsruhe. E voltámos com eles. Tive de assistir a seis feridos graves, durante três dias e três noites. Mosengel cuidou de cinco. O tempo estava péssimo e tínhamos de manter os carros fechados, para que a chuva não caísse sobre os pobres homens.

O cheiro que havia lá dentro era aflitivo. Para mais, os meus doentes sofriam de disenteria, e dois deles de difteria. Concretizando: trabalhei espantosamente e, depois de ter passado três horas pela manhã, e outras três pela tarde, colocando ligaduras, e ter ainda de atender durante a noite às necessidades físicas dos pacientes, tornava-se-me impossível repousar. Quando entreguei os meus feridos no lazareto, caí gravemente doente.

Apareceu-me uma perigosíssima disenteria e difteria bocal.

Cheguei a Erlangen com dificuldade e ali fiquei de cama. Mosengel teve forças para se sacrificar e ficou a tratar de mim, sacrifício não pequeno, dado o carácter dos meus males. Após vários dias de atormentadoras injecções de ópio, tanino e misturas de pedra infernal, foi dominado o primeiro perigo. Ao fim de uma semana, pude partir para Naumburg, mas ainda não estou bom. A atmosfera dos acontecimentos envolveu-me de maneira tal que, durante algum tempo, continuei a ouvir um lamento infinito. O meu propósito de voltar ao teatro de guerra tornou-se, portanto, impossível. Agora, tenho de me contentar com isto: assistir e apiedar-me, à distância.

Faço votos por ti, meu querido amigo. Ambos sabemos o que a vida tem de estimável. Mas temos de viver, e não para nós. Portanto, vive, meu muito querido amigo. Conheço a tua heróica natureza. Oxalá eu te não perca!

AO BARÃO DE GERSDORFF

Basileia, 7 de Novembro de 1870.

Meu querido Amigo:

Espero que seja bom o estado físico em que te encontre esta minha carta, e que o de espírito seja pelo menos tolerável. Este último seria incompreensível para mim, dadas as circunstâncias actuais, se não o explicasse o facto de sabermos o que a existência é, e o que significa.

Quando, como agora, se abrem os espantosos abismos do ser e se amplia o reino da dor, temos o direito de passar através de tudo isso como "sábios". Isto dá-nos coragem, resignação e força para resistir, sem que nos convertamos em estátuas de sal. Tenho-me atirado com ansiedade às ciências. E volto a cumprir a minha regular actividade profissional. Somente desejo sentir-me com mais saúde. O meu organismo ficou abalado com o ataque de disenteria, e ainda não recuperou o muito que perdeu. Tenho sido bem recebido em Basileia. Também de Tribschen recebi boas notícias. Wagner e sua mulher enviam-te as suas melhores saudações e desejos de bem-estar. Já sabes que a boda se realizou em Agosto? Fui convidado para testemunha; mas não pude assistir por me encontrar, então, em França.) Wagner mandou-me, há uns dias, um maravilhoso manuscrito intitulado "Beethoven", no qual se encontra uma profundíssima filosofia da música, absolutamente de acordo com a teoria schopenhaueriana. Publica-se este tratado em honra de Beethoven, e é, na realidade, a maior homenagem que a nação podia tributar-Lhe.

Durante o Verão, escrevi um trabalho sobre "A concepção dionisíaca do Universo". Considera-se nele a antiguidade grega sob o aspecto de que mais nos podemos aproximar agora, graças ao nosso filósofo. Porém, estes estudos são, por enquanto, só para mim. Só desejo que me deixem tempo para amadurecer completamente as ideias, e poder produzir a valer.

Tenho as maiores preocupações quanto à marcha da civilização, nos tempos próximos. Oxalá não tenhamos de pagar os enormes êxitos nacionais com perdas noutros sectores, minoração com que, eu pelo menos, não me resignaria. Dir-te-ei, confidencialmente, que a Prússia actual me parece constituir um extraordinário perigo para a civilização. Penso, mais para diante, desvendar, em público, tudo quanto respeita à educação.

Que outro se encarregue de proceder de igual forma quanto às intrigas religiosas que, em Berlim, se forjam a favor do poder clerical-católico. É muito difícil permanecer sereno, no meio da embriaguez geral. Mas nós devemos ser suficientemente filósofos para consegui-lo, evitando, assim, que os ladrões venham, nos roubem e nos façam sofrer uma perda que eu não julgaria compensada pelos maiores triunfos militares, nem sequer por todas as glórias nacionais.

Há necessidade de combater para o período de civilização vindouro. Conservemo-nos, pois, onde estamos. Penso sempre em ti. Que o génio do futuro almejado te proteja e guie!

A ERWIN ROHDE.

Basileia, 15 de Dezembro de 1870.

Meu querido Amigo:

Ainda não decorreu um minuto, depois da leitura da tua carta, e já me disponho a responder-te. Quero informar-te imediatamente que participo dos teus sentimentos e que, como tu, consideraria ignomínia sair, por meio de um violento esforço, desta anelante espera que nos consome. Escuta o que fervilha no meu espírito: arrastaremos ainda um par de anos esta existência universitária, considerando-a penoso ensinamento que tem de se suportar, ainda que com assombro. Seja esta época uma dura aprendizagem, necessária para poder, depois, ensinar - tarefa cujo aperfeiçoamento acho de meu dever, ainda que as minhas ideias sejam mais elevadas.

Com o tempo tenho reconhecido a justiça da doutrina schopenhaueriana sobre a sabedoria universitária. Aqui é impossível ser

radicalmente sincero, e nunca poderá tornar-se isto como ponto inicial de qualquer coisa verdadeiramente revolucionária.

Só utilizando todas as alavancas que podem arrancar-nos deste ambiente, e sendo, não só mais sábios, mas sobretudo melhores, poderemos chegar a verdadeiros mestres. Também aqui experimento, perante tudo, a necessidade de ser sincero, e por isso não suportarei muito tempo a atmosfera académica.

Por conseguinte: é preciso libertarmo-nos deste jugo, primeiro; depois, fundaremos uma nova academia grega. Romundt está, sem dúvida, a nosso lado. Tu conheces já, desde a tua visita a Tribschen, o plano de Wagner sobre Bayreuth. Tenho pensado muito que, simultaneamente com a execução dos seus planos, talvez devamos, pelo nosso lado, proclamar um rompimento com a Filologia e sua perspectiva cultural. Preparo uma grande adhortatio dirigida a todos aqueles que não estão asfixiados pelo presente ou sumidos nele.

Quanto é de lamentar que tenha de escrever-te sobre tais coisas, em vez de ser cada uma destas ideias objecto de uma larga conversa contigo! Não conheces tudo o que está construído sobre elas, e o meu plano parecer-te-á, talvez, um excêntrico gracejo. E não é nada disso. É uma necessidade.

Um livro de Wagner sobre Beethoven, que acaba de publicar-se, poderá indicar-te muito do que eu desejo do futuro. Lê-o; é um anúncio do espírito em que vivemos - nós! - no futuro. Ainda que tenhamos poucos adeptos, creio que poderemos sair um pouco desta corrente - embora com algumas perdas - e alcançar uma ilha, na qual não tenhamos de tapar os ouvidos com algodão. Seremos, então, mestres uns dos outros, e os nossos livros serão unicamente anzóis com que apanharemos alguns para o nosso agrupamento artistico-claustral.

Viveremos, trabalharemos e gozaremos uns para os outros, e talvez seja esta a única maneira pela qual devemos trabalhar para a totalidade.

Como prova de que penso nisto seriamente, dir-te-ei que comecei a limitar as minhas necessidades, para conservar um pequeno resto da minha fortuna. Também devemos experimentar a nossa "sorte" nas lotarias e, se escrevermos livros, pedir os mais elevados honorários, coisa que penso fazer já com os primeiros que publique. Todos os meios lícitos devem ser empregados para que nos ponhamos em condições económicas de fundar o

nosso retiro. Temos, portanto, a nossa missão a cumprir, nestes dois anos próximos.

Oxalá que o plano te pareça digno de ser meditado! A tua carta confirma que era tempo de te apresentar a proposta.

Não estaremos porventura em condições de trazer ao mundo uma nova forma da academia? "E não poder eu, pela força do mais ardente desejo, chamar à vida aquela forma única... " como disse Fausto, a propósito de Helena.

Ninguém sabe deste projecto, e de ti depende que façamos a Romundt uma comunicação preparatória.

Esta nossa escola de filósofos não é, certamente, uma reminiscência histórica, nem um gracejo arbitrário. Não é uma necessidade o que nos leva por este caminho? Parece que os nossos planos estudantis, as nossas viagens, voltam a surgir numa nova e simbólica forma. Não serei eu quem, como então, te deixe na estacada. Ainda tenho remorsos disso!

A SUA MÃE E SUA IRMÃ.

Tribschen, 30 de Dezembro de 1870.

Queridas Mãe e Irmã:

Recebei os meus votos de felicidades para o novo ano. São, desta vez, mais calorosos do que nunca, em virtude do temor que todos, manifesta ou secretamente, abrigamos, de que se aproximem tempos piores do que os actuais. Os efeitos de uma grande guerra são mais de temer do que a própria guerra, com todas as suas monstruosas perdas. Aqui, corre tudo bem, tanto quanto poderia desejar. Passámos um belo Natal. A festa do dia 25, aniversário da senhora de Wagner, foi encantadora e merece relato aparte. O Idilio de Tribschen, o nome do maravilhoso fragmento sinfónico composto por Wagner para este dia, é do mais impressionante que existe. Os executantes estavam tão entusiasmados como nós. É possível que tenha em meu poder, em breve, uma edição para piano a quatro mãos.

No dia de Natal, recebi um magnífico exemplar do Beethoven, uma luxuosa edição completa de Montaigne (que venero) e qualquer coisa de

único! - o primeiro exemplar da edição para piano do primeiro acto de Siegfried, edição que ainda levará um ano a aparecer à venda.

A ERWIN ROHDE.

Lugano - Hotel du Parc, 29 de Março de 1871.

Ai, meu querido amigo, quem pudera liberar-se!

Nunca é fácil, mas, para mim, agora, é impossível por completo, pois não sei nada, absolutamente nada, do desenvolvimento dos nossos planos.

É certo que Vischer me escreveu para aqui (Lugano), mas na sua carta não me diz nem uma palavra do nosso projecto comum. Pelo contrário, notei, em Basileia, antes da minha partida e depois de te haver escrito, alguns indícios de que o "filósofo" Steffensen não o vê com boa vontade. Imagina tu quão preso me têm os que podem apelar para o meu nunca avultado schopenhauerismo. Tenho, além disso, e antes de mais nada, que dar-me a conhecer e justificar-me como filósofo. Com esta intenção, terminei um pequeno escrito intitulado: Princípio e Fins da Tragédia, a que só faltam alguns retoques. Portanto, creio que teremos de esperar mais algum tempo, pelo menos até fins de Setembro, época em que, se tudo correr bem, se resolverá o nosso assunto. A verdade é que, assim, se prolongará ainda mais o triste estado de excitação e descontentamento que é nosso perpetiium mobile, e teremos ainda muito tempo para provar o nosso sangue-frio filosófico nesta expectativa tão pobre de esperanças. Esta é a parte má da minha ideia: se vencer, será, pronta e inesperadamente, a glória! Se fracassar, será a miséria!

Temos escolhido o caminho mais comprido; mas é que, desta vez, será também o mais curto.

O meu estado de saúde não é, infelizmente, o mais satisfatório. Ainda passo de cada duas noites uma sem dormir e, se bem que esteja mais tranquilo e sereno, e, de um modo geral, me encontre melhor, não posso pensar em viagens. Chego até à Itália, mas imediatamente me vejo forçado a retroceder. Assim é que não conheço nem o lago de Como, nem o Maior. E há seis semanas que estou aqui! E certo que o tempo tem sido, até agora, muito pouco italiano. Não achei o menor vestígio de uma Primavera

melhor do que a nossa Primavera alemã. As montanhas mais baixas dos arredores estão ainda cobertas de neve, e há duas semanas atrás tínhamo-la no jardim do hotel que, por sinal, é muito bonito. "Tempo anormal" - dizem-me. Triste consolação a que já me acostumei, na minha estada na Suíça!

Entre muitos dias de depressão espiritual, tenho gozado alguns de grande elevação. Isto há-de notar-se no meu escrito que já citei. Vivo num orgulhoso afastamento da Filologia. Tudo o que pudesse alcançar por esse lado - elogios, censuras, e até as mais altas glórias - me faz tremer de horror.

Vou introduzindo-me assim, pouco a pouco, no meu reino filosófico. E já creio em mim! Estou preparado para tudo. E não me causaria a mínima surpresa se viesse a tornar-me poeta.

Não faço a menor ideia daquilo para que estou destinado. Sem dificuldades, recapitulando, encontro ecos tão harmoniosos, até agora dirigidos para um só fim ainda ignorado. Parece-me que um bom demónio me serve de guia.

Nunca imaginei que, não tendo uma clara visão dos seus fins, nem uma ambição por alcançar um lugar do Estado, alguém pudesse sentir-se tão sereno e lúcido como eu me encontro.

Que sensação a de vermos encher-se e arredondar-se o nosso próprio mundo! Que belo despertar! Tão depressa vejo crescer pedaços de uma nova metafísica, como de uma nova estética ou de uma nova pedagogia que condenam todos os nossos ginásios e universidades. Tudo o que estudo passa a classificar-se entre o já sabido, e encontra sempre um bom lugar onde introduzir-se. Quando mais sinto o desenvolvimento deste meu próprio universo, é quando medito, não friamente, mas com calma, na História do mundo durante estes últimos dez meses, e a emprego como meio para bons fins, sem nenhum respeito exagerado. Orgulho e loucura são, na verdade, débeis palavras para exprimir a minha insónia espiritual. Este estado permite-me considerar a minha posição universitária como qualquer coisa de secundário, e até a cátedra de Filosofia me preocupa exclusivamente por tua causa, pois a considero também como coisa provisória.

Ai, quanto desejo a saúde! Faça-se qualquer coisa que dure mais do que nós próprios e, então, daremos graças por cada noite bem dormida, por

cada raio de sol, até por cada digestão normal! Mas, desgraçadamente, há em mim não sei que órgãos do estômago perturbados, que me produzem insónias, nervosismo, hemorróidas, sabor a sangue, etc. Faze-me o favor de não considerar estes achaques a causa do meu estado de espírito que antes descrevi! Tremeria, então, pela minha imortalidade, se bem que não tenha ouvido ainda que o flato provoque estados filosóficos!...

AO BARÃO DE GERSDORFF.

Basileia, 21 de Junho de 1871.

Meu querido Amigo:

Por sorte minha, pudeste subsistir e voltaste integro de entre formidáveis perigos. Finalmente, podes pensar em actividades e deveres pacíficos e considerar como um trágico sonho já desvanecido os tremendos episódios passados. Solicitam-te novas obrigações e, se algo nos deve ficar do selvagem jogo guerreiro, será o espírito heróico e reflexivo que, para surpresa minha, descobri, belo e inesperado achado!, no nosso exército forte e alegre, "o cheio da velha saúde germânica. Sobre isto, pode edificar-se, e podemos ter ainda esperança. A nossa missão alemã não terminou ainda! Sinto-me mais animado do que antes, ao ver que nem tudo naufragou sob a banalidade, a "elegância" franco-judaica, e a anelante agitação da "actualidade.

Existe ainda a coragem, e precisamente a coragem alemã, que é qualquer coisa muito diferente do "élan" dos nossos vizinhos, que são dignos de lástima.

Sobressaindo da luta das nações, assustou-nos a espantosa cabeça da víbora internacional " que apareceu, de repente, como prenúncio de outras lutas muito diferentes. Se pudéssemos falar com tempo sobre isto, chegaríamos decerto a concordar que, precisamente nessa manifestação, a nossa vida moderna e, de um modo geral, toda a velha Europa cristã (e principalmente a civilização católica reinante agora por toda a parte), revelam a enorme doença que trazem consigo e que têm transmitido ao mundo. Estaríamos também de acordo em que todos nós, com todo o nosso passado, somos culpados destes horrores que vêm agora à luz, e, por conseguinte, devemos ter a consciência suficiente para nos considerarmos,

perante aqueles infelizes, como únicos responsáveis do crime de uma luta contra a "Civilização, . Quando me deram a notícia do incêndio de Paris, fiquei, durante alguns dias, absolutamente deprimido e cheio de pesar e de dúvidas. Toda a existência científica e filosófico-artística parecia-me absurda, nos tempos em que ainda é possível que, num só dia, sejam destruídas as mais sublimes obras de arte e até períodos artísticos inteiros. Refugiei-me, com absoluta convicção, no valor metafísico da arte, pensando que esta não existe por e para os desgraçados homens, mas para cumprir missões mais altas. Todavia, nem mesmo no meio da minha maior dor, pude atirar pedras aos autores do sacrilégio, que para mim só foram portadores de uma culpa geral, culpa sobre a qual há muito que cismar.

Junto envio um tratado que revela as minhas ocupações filosóficas, maiores do que o título deixa supor. Lê-o com benevolência. Tenho muitos outros projectos e preparo-me para uma luta, e creio que os meus amigos também tomarão grande parte nela.

AO BARÃO DE GERSDORFF

Basileia, 19 de Novembro de 1871.

Perdoa, meu querido amigo, que não tenha já agradecido as tuas cartas, cada uma das quais me fez ver a intensidade do trabalho cultural que estás levando a cabo. Essa intensidade faz-me pensar que, no fundo, és ainda um soldado e aplicas o espírito militar à conquista da filosofia e da arte. Estás dentro do que é justo; neste nosso tempo, somente como combatentes temos o direito de existir; como primeiros combatentes por um soeculum vindouro, cuja formação pressagiamos dentro de nós próprios, naquelas nossas melhores horas em que nos sentimos absolutamente estranhos ao espírito do nosso tempo e vivemos numa pátria espiritual do porvir, que pressentimos obscuramente. Não teremos, acaso, entre as nossas recordações de Leipzig, a de algum destes momentos pertencentes a outro soeculum? Fiquemos, pois, em que se deve "viver resolutamente em tudo o que é bom e belo... " Mas faz falta uma resolução forte, o que não é para toda a gente.

Fizeram-me, hoje, recordar a nossa existência leipziguiana e, em certo sentido, pude exclamar, como se diz no "lied", que "enlacei o alegre

final com o alegre princípio". Hoje, precisamente hoje, por fim, respondeu Fritzsch, o excelente editor, à minha visita de há anos. Os meus agradecimentos por isso. Tu e Rohde fostes os que me levaste até ele, em espírito e em corpo, coisa pela qual, até agora, só louvores tenho que vos render. Fritzsch não pôde evitar que a sua resposta tardasse tanto.

Remeteu a minha obra "5" a um perito, para que lhe desse a sua opinião, e ele nada disse até 16 de Novembro. Tu sabes que o meu livro "6" estava destinado a Krug, em tal data, a do seu aniversário; pois bem, nesse mesmo dia, Fritzsch escreveu-me, dizendo: "Não se atormente nem ofenda o desagrado..., Amigo querido, recebe esta saudação como presente e como voto... E promete tê-lo pronto para o Natal. Decidimos, com respeito à forma do livro, tomar para modelo a do de Wagner, Definição da Ópera, e há lugar, na portada, para uma magnífica vinheta. Diz isto ao teu amigo, o artista, "" e saúda-o com afecto, da minha parte. Vê a portada do folheto wagneriano e calcula as dimensões que podemos dar à obra da arte pictórica. Tudo depende do título. Tenho, até agora, a esperança de que o meu livro se venderá muitíssimo. Pode, portanto, o senhor da vinheta contar com o seu pedacito de imortalidade.

Mais novidades: poderás imaginar em que rara forma ressurgiram aqueles confortantes dias da nossa reunião de férias?

Pois renasceram, em forma de composição e grande composição para piano a quatro mãos, em que se resume todo aquele Outono banhado de sol. Por ter sido inspirada nas recordações da minha juventude, leva por título o seguinte: Ecos de uma noite de S. Silvestre, com cânticos processionais, dança campestre e repique de sinos à meia-noite. " É um título divertido, que podia continuar, com a mesma razão que o anterior... com brindes e felicitações do novo ano". Tocámo-la, Overbeck e eu. Na noite de Natal, a senhora de Wagner será presenteada com esta obra musical. Também sois vós, meus queridos amigos, os ignorados dei ex machina desta composição! Há seis anos que não compunha e este Outono estimulou-me a fazê-lo.

A peça, bem executada, dura vinte minutos.

Entrei, outra vez, em plena actividade filológica. Faço leituras sobre "lntrodução ao estudo de Platão" e Epigrafia latina", e preparo, para depois do Ano Novo, seis conferências públicas sobre "O futuro das nossas instituições culturais.

A ERWIN ROHDE

Basileia, 20 de Dezembro de 1871.

Meu querido Amigo:

Primeiro que tudo, a minha cordial saudação pelo Natal. Esperava poder mandar-te o meu livro hoje mesmo; mas, ainda que não seja por culpa minha, surgiram alguns atrasos, devido aos quais, desta vez, o meu presente de Natal está ainda um pouco longe. A vinheta da portada causou-me várias contrariedades. O desenho de Rau, o amigo de Gersdorff, obteve todo o nosso aplauso, mas o gravador que Fritzsch escolheu fez obra tão tosca que a gravura resultou completamente inútil, e tivemos de a mandar fazer de novo ao melhor gravador de Berlim o artista académico Vogel.

Gersdorff conserva-se fielmente a meu lado, e distingue-se pela sua pronta ajuda, eficaz em todas as ocasiões.

A composição do meu livro é mais apertada que a do de Wagner que tomámos por modelo, e, assim, o volume será menor: 140 páginas aproximadamente. Oito folhas já estão terminadas, e só me fica por corrigir o prólogo e qualquer coisa do texto. Tu desconheces toda a última parte, e tenho a certeza de que te causará assombro. É muito ousada, mas posso dizer a mim próprio, no ma‹s amplo sentido: anima salvavi. Isto faz que eu pense na minha obra com grande satisfação. E não me inquieta que possa provocar escândalos ou que faça surgir de alguns lados "gritos de indignação".

Além disso, sinto-me maravilhosamente fortificado nas minhas opiniões musicais e convencido em absoluto da sua verdade, pelo que, em Mannheim, durante esta semana, experimentei junto de Wagner. Ai, meu amigo, porque não terás podido estar connosco! Em que se comparam todas as nossas recordações e experiências artísticas anteriores com estas últimas! Achava-me como aquele, que, por fim!, vê cumprido um pressentimento. Isto é música; o resto não! E a isto, e não a outra coisa, é precisamente ao que aludo com a palavra "música", quando descrevo o dionisíaco! Quando penso que haverá homens, no futuro, embora sejam só uns centos, que obterão desta música o que eu obtive dela agora, tenho esperanças numa cultura completamente nova.

Tudo o mais, o que de modo algum pode relacionar-se com a música, causa-me repugnância e ódio. Ao voltar dos concertos de Mannheim, experimentei, durante toda a noite, um intenso estremecimento, ao pensar que devia recomeçar, no dia seguinte, a minha habitual actividade, e actividade que se me apresentava como um fantasma e não como uma realidade.

Tenciono passar o Natal só, em Basileia, e recusei os amáveis convites que tive para ir a Tribschen. Preciso de tempo e de solidão para meditar com recolhimento nas minhas conferências sobre o Futuro dos estabelecimentos culturais. Dediquei à senhora de Wagner a minha Noite de S. Silvestre. Executar-se-á no dia 25 de Dezembro, dia do seu aniversário. Estou ansioso por saber a apreciação que merecerá, ali, o meu trabalho, que até agora não foi apreciado por ninguém competente. Quando to mandar, perceberás, creio que com emoção, o tom cálido, contemplativo e feliz que transparece através de todo ele, como recordação transfigurada dos dias felizes das minhas férias outonais. Isto é, pelo menos para mim, o que há na minha obra.

Passei uns belos dias com Jacobo Burckhardt, e falámos muito do helenismo. Creio que, sobre isto, se pode aprender agora muito em Basileia. Burckhardt leu com grande interesse a tua composição sobre Pitágoras, e disse que aquilo que tu escreveste sobre o desenvolvimento da representação pitagórica é o melhor que se tem escrito até agora sobre motivo tão sério.

Com o teu trabalho, fizeste-me adquirir grande quantidade de opiniões fundamentais sobre Pitágoras, e creio que nós, conjuntamente, poderíamos aclarar muito e infundir calor à tão abandonada e mumificada história dos filósofos gregos. Não dês todos os teus escritos às malfadadas revistas filológicas e espera a aparição das folhas buyrentianas. Estou encantado com o artigo que dizes que, sobre o meu livro, publicarás na revista de Zarncke, e agradeço-te de antemão. Temos ainda de percorrer juntos uma grande parte da vida, meu querido amigo; conservemo-nos, pois, fléis!

A ERWIN ROHDE

Meu bom e querido Amigo:

Fui, há pouco, consultado por Susemlhl sobre se aceitaria uma cátedra em Greifswald. Imediatamente a recusei em teu favor, recomendando-te para a ocupares. Seguiu este assunto o seu caminho? A minha negativa tornou-se pública e despertou uma grande simpatia por mim, entre os bons cidadãos de Basileia, ainda que eu tivesse feito constar que não se tratava de um oferecimento firme, mas somente de uma consulta preliminar.

Os estudantes projectaram uma festa em minha honra, como prova de gratidão e, de um modo geral, como expressão do muito que se estimava e honrava a Universidade de Basileia com a minha actividade, festa que, a pedido meu, não se realizou. Fiz, agora, umas conferências sobre o "Futuro dos nossos estabelecimentos culturais", e cheguei a causar "sensação" e, por vezes, até despertei entusiasmo, entre os meus ouvintes.

Que pena já não estarmos juntos! O que, sobre o meu coração perpassa agora, e o que ele prepara para o futuro, não pode abordar-se em cartas, nem superficialmente. Fiz com Wagner um pacto de estreita aliança. Não podes imaginar quanto estamos, agora, perto um do outro e o contacto que existe entre os nossos respectivos projectos. Tive de ouvir sobre o meu livro coisas incríveis, e por tal razão não te digo nada sobre elas.

Que pensas tu de tudo isto? Qualquer coisa de grave me invade, ao ver o efeito que o meu livro causou. Adivinho, nos rumores que levantou, o futuro de tudo quanto me proponho fazer. Esta vida será ainda mais penosa.

Em Leipzig deve ainda reinar a indignação. Ninguém dali se dignou escrever-me uma única palavra. Nem Ritschl.

Meu bom amigo: é uma necessidade, uma santa necessidade, voltarmos algum dia a viver juntos. Vivo, de há tempo para cá, no meio de uma poderosa corrente; quase todos os dias me trazem algo de assombroso e os meus desígnios elevam-se e fortalecem-se. Em segredo, e rogando-te que o guardes, anuncio te que preparo, entre outras coisas, uma Memória sobre a Universidade de Estrasburgo, destinada a chegar às mãos de Bismarck, com carácter de interpelação ao Conselho Nacional.

Quero demonstrar nela quão ignominiosamente se deixou passar uma ocasião magnífica para fundar um estabelecimento pedagógico,

genuinamente alemão, que regenerasse o espírito germânico e destruísse o que, até hoje, se tem chamado "cultura". É preciso lutar! Mesmo à navalhada! Ou a canhão!

A FREDERICO RITSCHL

Basileia, 28 de Janeiro de 1872.

Mui respeitável Senhor Conselheiro Secreto:

Suponho que V. Exa. não levará a mal a minha admiração por não ter recebido uma única palavra sua quanto ao meu livro recentemente publicado, nem a franqueza com que me disponho a exprimi-la. Uma vez que o meu livro é como que um manifesto, incita a tudo, menos ao silêncio. Talvez V. Exa. se maravilhe, quando lhe disser a impressão que supunha ir causar-lhe a si, meu respeitável mestre.

Pensava que a minha obra seria para V. Ex a mais cheia de esperanças que tem encontrado na sua vida. Plena de esperanças na nossa ciência da antiguidade e na essência alemã, ainda que, com a sua consecução, tivesse de ir ao fundo uma multidão de indivíduos. Creia V. Exa. que eu, pelo menos, não renunciarei à aplicação prática das minhas opiniões. Isto de algum modo o provo a V. Exa., dizendo-lhe que estou a fazer uma série de conferências públicas sobre o futuro dos nossos centros pedagógicos. V. Exa. sabe que me encontro livre de ambições e temores pessoais, e, deste modo, não procurando nada para mim, espero poder fazer alguma coisa para os outros.

Quero, antes de tudo, apoderar-me da jovem geração dos filólogos, e consideraria ignominioso para mim não o conseguir.

Mas o silêncio de V. Exa. inquieta-me. Não porque duvide do seu interesse por mim, interesse em que sempre confio; mas, precisamente por esta confiança, penso na possibilidade desse mutismo significar temor por me ver no caminho que empreendi.

É para desvanecer esse temor que escrevo a V. Exa.

AO BARÃO DE GERSDORFF

Basileia, 4 de Fevereiro de 1872.

Meu querido Amigo.

Outra vez um par de linhas cheias do mais cordial agradecimento pelas notícias que me dás, que me libertaram ou, pelo menos, quase me libertaram, de graves preocupações. Um destes dias, recebi um telegrama de Wagner que diz: "Gersdorff, o Alexandrino, é-nos indispensável., sl Palavras que entendi, se bem que não completamente. Haja o que houver, pensa sempre que tu e eu somos chamados a lutar e trabalhar entre os primeiros, para um movimento cultural que há-de comunicar-se à grande massa, na próxima geração ou talvez mais tarde. Seja isto o que nos orgulhe e dê coragem. Creio, além disso, que não nascemos para ser felizes, mas para cumprir o nosso dever, e considerar-nos-emos ditosos se conseguirmos saber qual é esse dever.

O meu livro encontra grandes dificuldades para difundir-se.

Rohde tinha escrito sobre ele um excelente artigo para a Litterarische Zentralblan, mas foi recusado pela redacção. Esta era a última possibilidade de que uma voz séria comentasse o meu livro numa revista científica. Agora, já não espero ouvir senão sandices ou maldades... Mas confio, e digo-te com a maior convicção, que a minha obra abrirá caminho, pausada e silenciosamente, através dos séculos. Dizem-se nela, pela primeira vez, certas coisas eternas, e isso tem de ter ressonância. Nada quero para mim, e muito menos o que se chama fazer carreira.

Agora, trabalho tranquilamente, nos meus problemas pedagógicos. Têm-me pedido muito que, para as férias da Páscoa, empreenda uma viagem a Atenas, Naxos e Creta, em companhia de um catedrático residente na vizinha cidade de Freiburg (Baden). Que pensas disto? Ficarás assombrado, quando souberes quem é que me propõe acompanhá-lo: é o filho de Félix Mendelssohn Bartholdy. Ora bem: eu penso recusar. Sempre me sucedem coisas muito curiosas! Envio-te junto uma carta que, sobre o meu livro, recebi de um filólogo, professor da Universidade de Berna, que quase não conheço.

A ERWIN ROHDE

Basileia, 12 de Abril de 1872.

Meu mais querido Amigo:

Para animar o teu estado de espírito com o mágico jogo da esperança, contar-te-ei, antes de tudo, a combinação em que fiz entrar, se bem que ainda só em pensamento, a tua pessoa e a tua profissão, aliás sustento. Projecto a maneira de entrares, em fins de Setembro, na posse de todos os louvores e emolumentos inerentes à minha cátedra de Basileia, na qualidade de meu absoluto sucessor. Penso partir para a pátria alemã, no próximo Inverno, convidado pelas Sociedades Wagnerianas das principais cidades, para fazer conferências sobre as representações nibelúnguicas. Cada um tem de cumprir o seu dever e, em caso de colisão, o maior dos deveres. Uma vez que este Inverno me separo da Universidade, aproveito a solução de continuidade produzida para viajar pelo Sul, durante dois anos. Para poder converter este projecto em realidade, renunciarei à minha cátedra e tu poderás, então, suceder-me em todas as minhas actividades. Se a Universidade me quer bem, espero que conserve, como propriedade minha, o título e louvores de catedrático, ainda que, naturalmente, me retire o soldo. Tudo isto sem prejuízo da tua absoluta independência na cátedra. Agrada-te levar esta combinação até à prática? Considera-a, até agora, unicamente como um projecto a discutir aqui. Creio poder viver ainda um par de anos com o que resta da minha fortuna: uns dois mil táleres. O que sucederá depois, só Deus o sabe! Por enquanto, não tenho sombra de cuidados. Deve ser uma divina felicidade viajar pelo Sul, livremente, e não como um pensionista, com os olhos sempre voltados para um ministério imperial. Mas, primeiro, tenho de saber se, chegado o caso, estarás disposto a secundar-me. A resolução tem de estar assente até fins de Maio.

A tua carta a Wagner causou-me grande e cordial alegria.

Não temos melhor patrono para os nossos mais belos e nobres desejos e, de direito, pertence-lhe a ele, como oferenda, tudo o que cresça no nosso campo próprio. Por este mesmo motivo, torna-se-me penosa a nossa separação. Juntos, tu e eu, devíamos, a seu lado, tomar o seu exemplo e avançar na compreensão das suas obras. "Os Nibelungos" aparecem cada vez com maior claridade, ante os meus olhos, como a consecução de uma obra espantosamente gigantesca e incomparável. Pois

bem: é difícil aproximarmo-nos de tais criações, e o que crê havê-las sentido e compreendido tem o dever de falar delas aos outros. Eis a razão dos meus planos de Inverno.

Desejo que a tua missiva a Wagner obtenha um êxito feliz.

Fixa a época em que fazes isto por ele. Mais tarde, demonstrarei até que ponto este é um dos momentos mais complicados e críticos, e como, para ele, toda a prova de compreensão e interesse constitui um bálsamo consolador.

Junto envio algumas cartas que recebi, referentes ao meu livro. Entre elas, as de Von Baligand (gentil-homem do rei da Baviera), Francisco Liszt, Gustavo Krug, Hagen (catedrático em Berna), Schuré, condessa Krokows e Matilde Meyer. s6 Recebi também cartas muito amáveis da mulher do ministro Von Schleinitz, de Berlim, e da senhora de Meysenug. Hans Von Blow, que ainda não conhecia, visitou-me e perguntou se podia dedicar-me uma tradução de Leopardi, fruto das suas horas de ócio na Itália. Está tão entusiasmado com o meu livro, que leva consigo uma grande quantidade de exemplares, para distribuir pelas pessoas da sua amizade. Brevemente sairá a segunda edição. No entanto, o meu livro não foi ainda anunciado publicamente em parte alguma. Nem sequer nos anúncios dos livreiros! É um êxito no seio da família...

Dohm, o redactor do Kladderadatschs é também um entusiasta, da minha obra e quer escrever sobre ela no seu periódico. Nele, pois, se publicará o primeiro artigo sobre o meu livro, o que será ridículo e comovedor. Só os nossos loucos filólogos se calam.

Gersdorff permanece fiel, activo e complacente, como sempre . Mantém, agora, uma frutífera e continuada correspondência com Tribschen.

Não podemos deixar de estar em Bayreuth, em 22 de Maio próximo. É a ordem do destino! Se conseguir realizar os meus planos, no Outono serás catedrático. Vem, pois, mas escreve-me antes.

AO BARÃO DE GERSDORFF

Basileia, 1 de Maio de 1872.

Meu querido e bom Amigo:

Não leves a mal que, de quando em quando, faça no meu comércio epistolar uma pausa com fermata, pois isto tem sempre os seus motivos, ainda que exteriores, unicamente, e sem relação alguma com a nossa amizade. Tenho tido muito que fazer e, além disso, há já algum tempo que me sinto muito desgostoso e inquieto. Era preciso vencer o Inverno e, durante ele, tomar muitas decisões importantes, que não te comunico porque brevemente poderemos falar delas. Falaremos em Bayreuth. Chegarei ali no sábado antes do Pentecostes; procura fazer a tua viagem nessa data. Hoje, escrevi a Muncker, o administrador, para prevenir sobre a questão do alojamento. A condessa Krokow, a senhora de Meysenbug e a senhora de Schleinitz anunciaram já a sua ida. Esta última escreveu-me uma carta muito amável, pelo que te rogo lhe exprimas os meus agradecimentos. Irá também Rohde, que me telegrafou de Kiel, participando-me a sua nomeação de catedrático. Não deixes de lhe enviar umas linhas de felicitação. Tem belos projectos de coisas que se referem a Wagner e a mim; mas ainda não posso dizer nada.

Saiu o primeiro artigo sobre o meu livro. Mas aonde! Na italiana Rivista Europea. Enviei, há pouco, outro exemplar a Dohm. Já te falei do entusiasmo de Blow? E de que me anunciou a dedicatória de um livro seu. E também de que me disse que, muito em breve, seria necessária uma nova edição do meu? Segundo a opinião de Tribschen, as publicações da Sociedade Wagneriana de Estudantes são muito belas. Acho muito feliz a ideia da dita Sociedade dedicar, primeiro que tudo, a sua "agitação espiritual" ao esclarecimento do significado das próximas festas. Vai visitar Koerper, o presidente, e pede-lhe nos remeta, a mim e a Rohde, únicos catedráticos wagnerianos, as publicações já impressas. Talvez também a E. Hartmann, cujo paradeiro gostaria de conhecer.

Comoveu-me muito o que me contas de teu pai. Respeito e venero essas coisas que comprovam a maravilhosa seriedade alemã, ou melhor, a prussiana, da qual se pode esperar tudo.

Em troca, "a cultura alemã", que flutua à superfície, parece-me extremamente suspeita.

Sábado passado foi o dia triste e profundamente comovedor da despedida de Tribschen. Tribschen morreu. Andámos em volta dele, como entre ruínas, e a comoção chegou a todos os lados, enchendo o ar e as

nuvens. O cão negou-se a comer, os criados respondiam soluçando, a tudo o que se lhes dizia. Empacotámos tudo: cartas, livros, manuscritos... Que tristeza!

Quanto significam para mim estes três anos vividos perto de Tribschen, e durante os quais ali fui vinte e três vezes! O que seria sem eles! Sinto-me feliz por ter podido perpetuar para mim, no meu livro, este mundo wagneriano de Tribschen.

A ERWIN ROHDE

Basileia, 8 de Junho de 1872.

Vês, meu querido amigo, até que ponto somos motivo de escândalo? Breve chegaremos também a saber o quanto nos encontramos sós. Temos de resistir honrosamente no nosso posto. Agora, que te colocas a meu lado, empunhando a tua lança, como forte companheiro de armas, quero prevenir-te de que cedo se voltará também contra ti "da negra onda o amargo ímpeto".

Se assim for, consolar-nos-emos mutuamente.

Eu abraço, desde já, com todo o meu carinho, tudo o que pensas realizar. Fielmente unidos, resistiremos, meu querido amigo, a calamidades mais graves que as presentes. A de agora é, unicamente, um imprudente ensaio feito por mão jovem e inexperiente, e para nós uma amostra do que nos há-de sair ao encontro, vindo das "altas esferas".

Gersdorff informou-me mais ou menos do conteúdo do folheto, e conhecendo-o eu deste modo, isto é, sem perfeita exactidão, achava-me um pouco nervoso e excitado. Desde ontem que o tenho em meu poder, e estou absolutamente tranquilo. Não sou tão ignorante, nem tão pobre de amor à verdade, como o seu autor me apresenta. É preciso que amadureça mais a miserável erudição de que com tanta pompa faz gala, para poder falar de semelhantes problemas. Só por meio das mais descaradas interpretações chega a conseguir o seu objectivo.

Além disso, deve ter-me lido muito mal, pois não me compreende, nem no todo nem nos pormenores. Está muito pouco preparado para estas questões, e com certeza, foi estimulado por outros, aos quais serviu de

instrumento. Tudo isto cheira a Berlim. Imagina que, durante o Outono passado, o autor do folheto foi visitar-me a Naumburg e expressou-me a sua veneração e respeito. Eu mesmo o aconselhei a que examinasse detidamente a minha obra, próxima a publicar-se, coisa que fez à sua maneira.

De todos os modos, é preciso derrotá-lo, ainda que não seja mais do que um instrumento, pelo mau exemplo que representa um tal folheto cheio de mentiras e calúnias, e a enorme influência que pode ter. Em compensação de ter sido derrotado por ti, dar-lhe-ão uma cátedra qualquer. E será feliz.

Devemos, primeiro que tudo, meu querido amigo, tomar a coisa a nosso modo, grave e elevadamente, e considerar o seu critério unicamente como um tipo representativo. Alegra-me em extremo que persistas na intenção da tua Missiva a Wagner. O facto de estares, nesta questão, de acordo comigo, causará enorme sensação na colméia filológica. Agradeço-te, por isso, de todo o coração.

Adeus, meu querido e fiel amigo.

Devemos permanecer animosos e elevados. Assim é o nosso dever!

Adeus, meu querido filólogo do futuro!

A ERWIN ROHDE

Basileia, 25 de Outubro de 1872.

Passou, por fim, meu mais querido amigo, a agitação que, causada pelo teu envio, chegou quase a produzir-me uma impossibilidade d digeri-lo. Seria lastimável, que me engasgasse e afogasse com uma prenda tão magnífica. Não é certo?

Agora, estou já cómoda e tranquilamente sentado no meu quarto acolhedor, e regozijo-me com a tua oferta, como um bebé, folheando-o e cheirando-o continuamente. O que hoje fizeste por mim não sei descrevê-lo com palavras. Eu era absolutamente incapaz de fazer qualquer coisa semelhante por mim próprio, e sei que só de ti poderia esperar um presente tão amigo.

Quanto terás tido que dominar-te, meu pobre e querido amigo, para conviver tanto tempo com tal homem! Compreendo melhor agora o repugnante e penoso do ataque, ao sentir o quanto com ele deves ter sofrido. Mas o teu folheto já se espalhou torrencialmente no espaço, arrastando atrás de si, o velhaco. As consequências que do teu escrito deves esperar, podes deduzi-las das seguintes notícias que chegaram até mim, sem que eu, acredita-me!, as tenha procurado. Em Leipzig ressoa uma voz unânime sobre a minha obra. O que essa voz exprime, deixou-o ver o honrado, e por mim muito respeitado, Usener, de Bona, dizendo aos seus discípulos que lhe perguntaram a sua opinião sobre ela: "É um puro disparate. Não pode tomar-se em linha de conta, e aquele que escreveu tal coisa está morto cientificamente., E, como se eu tivesse cometido um crime, fez-se o silêncio sobre a minha obra durante dez meses, porque todos crêem estar tão acima dela que não vale a pena perder umas quantas palavras em julgá-la. Assim descreve Overbeck a impressão em Leipzig. Todos os partidos são unânimes.

Quase me têm por um desequilibrado, consolo de que lançam mão os nosso "sãos", quando não encontram outro aproveitável.

E agora, que espectáculo o do teu folheto, caindo no meio da turba cacarejante, cheio de magnanimidade e ousada camaradagem. Romundt e Overbeck, os únicos a quem se tem podido lê-lo até agora, estão fora de si pelo teu feliz êxito. Não se cansam de fazer ressaltar elogiosamente os pormenores e o todo, e qualificam a polémica de lessingiana. Tu sabes o que para os bons alemães significa tal predicado.

A mim, acima de tudo, compraz-me ouvir ressoar sempre nela o profundo tom dominante, atroador como o de uma forte catarata, no qual se consagra toda a polémica, causando impressão de grandeza - aquele tom em que soam juntos, carinho, confiança, coragem, dor, vitória e esperança. Querido amigo, comovi-me extraordinariamente ao ler as tuas palavras sobre a amizade e, durante algum tempo, não pude continuar.

Que magníficas experiências eu fiz este ano e como se abatem diante delas todas as divagações que, de outros lados, se precipitam sobre mim! Também me sinto orgulhoso e feliz por Wagner, pois a tua obra significa uma curiosa variante na sua posição com respeito aos círculos científicos alemães. Há pouco tempo, a Nationalzeitung foi tão descarada que me incluiu entre os "lacaios literários de Wagner"... Que surpresa reconhecer-te como seu partidário! Não é verdade, meu velho amigo, que isto é ainda

qualquer coisa mais importante do que o haver-te posto a meu lado? Isto faz que o dia de hoje seja para mim o mais feliz que, desde há muito, tenho vivido. Vejo hoje o que tu, com a tua amizade, tens feito por mim e por Wagner.

Quando Gersdorff ler o teu escrito, estou convencido de que fará duas ou três piruetas de alegria e de comoção. E quão maravilhosamente cumpriu a sua faina o bom Foitaichius! Apenas falta que se cuide com acerto da distribuição dos exemplares, e um pouco mais rapidamente que da sua aparição.

Conheces o último livro de Wagner, intitulado Dos Actores e dos Cantores? Nele se descobre um novo sector da Estética e aparecem utilmente aplicadas algumas ideias do Nascimento da Tragédia. Lendo este livro, parece-me estar falando com Wagner, cuja presença tanta falta me faz.

Sejamos animosos, meu querido amigo! Continuo a crer com progressiva fé no nosso progresso para o bem, no nosso acréscimo de boas intenções e bons meios, na nossa caminhada para fins mais nobres e cada vez mais avançados. Oh, sim! Alcançá-los-emos, para outro fim mais longínquo ainda, numa ousada marcha para a frente! Não temos de nos importar que não sejam muitos, e que sejam poucos, os espectadores com olhos para ver e compreender a nossa jornada. Não temos de nos importar, uma vez que sabemos que estes poucos espectadores são também os únicos juízes no campo possível para nós. Pela minha parte, dou por um espectador como Wagner todas as coroas que possa oferecer-me o presente, e vê-lo satisfeito é para mim a maior consolação. É difícil satisfazê-lo; diz sempre, com sinceridade, o seu parecer favorável ou não, e constitui, assim, para mim, uma boa consciência que castiga e premia. E, agora, que todos os bons espíritos estejam connosco, meu bom amigo! Vamos unidos com uma só fé e uma só esperança. E o que for teu, será meu, e tudo o que for bom e justo nos será comum!

Obrigado, meu amigo! Obrigado!